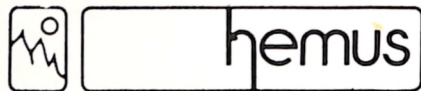


*Título do original francês:*  
LES MAÎTRES SECRETS DU TEMPS

(c) Copyright 1974 by Éditions J' Ai Lu

(c) Copyright 1980 by Hemus Livraria Editora Ltda.

*Todos os direitos adquiridos para a língua portuguesa  
e reservada a propriedade literária desta publicação pela*



hemus livraria editora limitada  
01510 rua da glória 312 liberdade  
fone 279 9911 pabx  
telex (011) 32005 hlel br  
caixa postal 9686 são paulo brasil

Impresso no Brasil/Printed in Brazil

1

## SIGNOS E PRODÍGIOS

---

“Tenho uma necessidade imperiosa de voltar ao ano de 1949. Todas as sugestões e toda forma de ajuda serão recebidas com reconhecimento.”

Foi uma revista americana que publicou esse pequeno anúncio em março de 1972. O leitor me achará talvez bem tolo por dar importância à impropriedade de um excêntrico e às divagações de um alienado.

E todavia...

Esta obra pretende provar que existem entre nós Mestres Secretos do Tempo que nele viajam à vontade. De passagem mostraremos que essa noção de viagem no tempo é bem anterior à ficção científica. No final do livro, tentaremos analisar e desfazer todos os paradoxos temporais de que ela faz um uso frequente. Por outro lado, não falaremos da ficção científica. Se, com efeito, sua temá-

1

tica é apaixonante, não faz entretanto parte do nosso assunto.

Mas não será necessário pensar que se a ficção científica falou das viagens no tempo, é uma razão para as encarar seriamente. Tanto como se quisesse negar-se a considerar as implicações e as conseqüências políticas e militares da bomba de hidrogênio, sob pretexto dela ter existido na imaginação de autores de ficção científica antes de explodir na realidade.

É por essa razão que é preciso evocar o testemunho de um certo número de sábios.

E o fazemos começando por Jean Bernal, que morreu em 1972 com a idade de setenta e um anos. Essa mentalidade eminente, professor de física na Universidade de Londres, realizou trabalhos importantes e notórios sobre a cristalografia e sobre a pesquisa da origem da vida. Foi um dos fundadores da UNESCO e fazia parte da maioria das Academias de Ciências dos países ocidentais. Era igualmente membro das Academias científicas da União Soviética, da Hungria, da Polônia, da Romênia, da Bulgária, da Checoslováquia e da República Democrática Alemã. Foi por muito tempo presidente do Conselho Mundial da Paz que se estabeleceu em 1973 sob a presidência de Leonid Brejnev, e sua ação perseverante a favor da paz lhe valeu o prêmio Lenine da Paz em 1953.

Bernal é o tipo exato de racionalista. Ora, na edição revista e corrigida por ele mesmo em 1970 de seu livro *The World, the Flesh and the Devil*,<sup>1</sup> livro que inspirou particularmente Arthur C. Clarke e Olaf Stapledon, os quais lhe prestaram homenagem, ele escreve na página 58:

“Pode ser que nos aproximemos e que cheguemos talvez a atingir uma concepção do tempo que tornará as viagens no tempo tão fáceis quanto as viagens no espaço.”

Entre os sábios que falaram de uma possibilidade de viajar através do tempo, mesmo para o passado, deve-se citar o lógico suíço Gödel, que construiu um modelo do universo em que tal viagem é possível; o astrofísico inglês Bonnor; o matemático francês Jacques Merleau-Ponty, primo do filósofo, que em seu livro a respeito das cosmogonias modernas estabelece cálculos que permitem justificar uma viagem física ao passado. Em todo o desenrolar deste livro encontraremos outras afirmações dessa espécie.

Iniciemos, entretanto, enumerando um certo número de “signos” e de “prodígios” que poderiam ser explicados pela existência e presença de viajantes do tempo.

E os consideremos, segundo uma ordem cronológica.

---

1. “O Mundo, a Carne e o Diabo” (n. do T.).

Há, em primeiro lugar, o homem de Boskop. Boskop é uma aldeia africana, do distrito de Potchefstroom, no Transvaal. Ali foi descoberto em 1913 um esqueleto e um crânio que não correspondem a nenhuma raça conhecida. A capacidade do crânio é de 1600 cm<sup>3</sup>, o que é mais considerável que a da maioria das raças européias contemporâneas. E não se conhece nenhuma raça que possua tal capacidade craniana.

Pode-se esperar cérebros dessa dimensão no futuro, os antropólogos o admitem. Agora, se não houve a raça de Boskop, não poderíamos nós imaginar que um homem proveniente do futuro, através de uma viagem pelo tempo, encontrou a morte na África?

Suas vestes, os objetos metálicos que podia trazer consigo teriam, em 25000 anos, tido todo o tempo para se desintegrarem e desaparecer. Somente seu esqueleto e seu crânio teriam subsistido.

Um segundo caso é constituído pela máquina de Antiquitera. Já escreveram muito a respeito, contudo convém retomar a questão minuciosamente.

Em 1900, os pescadores do Dodécanes mergulharam num lugar onde não o faziam de ordinário. Tinham sido impelidos para lá pelas tempestades. A setenta metros de profundidade, descobriram um navio naufragado, de onde retiraram, trazendo para a superfície, estátuas de mármore e bronze, e um objeto.

Tal objeto bizarro foi estudado por diversos arqueólogos, particularmente o grego V. Staís, o americano De Solla Price e um outro grego, George Stamirés.

O Professor Price escreveu a respeito em 1955:

“Nada que se assemelhe a este instrumento foi conservado ou encontrado em outra parte. Nenhum texto científico ou literário faz menção a algo comparável.”

Como o crânio de Boskop, essa máquina de Antiquitera é única.

Em que consiste? Num conjunto complicado de ressaltos e engrenagens que não pôde ser montado a não ser com a ajuda de máquinas complexas, especialmente uma máquina-ferramenta de dividir. Ora, este tipo de máquina-ferramenta não existia evidentemente na época em que o navio soçobrou, em 82 A. C..

Inscrições na máquina tratam do movimento dos planetas, do sol e da lua. Essas inscrições são numerosas e foi possível pensar que se tratasse de um instrumento de astrologia.

Vamos apresentar uma outra hipótese: com o auxílio do objeto de Antiquitera e de algumas observações simples, é possível determinar datas. Esse instrumento poderia assim ser precioso a um viajante do tempo que procurasse determinar a que época se encontra, em que dia de que ano.

Tal hipótese é tão plausível quanto qualquer outra.

Ora, essa ave provém indiscutivelmente de uma tumba da Colômbia, aberta muito recentemente e que data de vários milhares de anos.

E nenhum objeto desse gênero jamais foi descoberto através de outras explorações arqueológicas. Do mesmo modo que o crânio de Boskop e a máquina de Antiquitera, um objeto único.

É de aspecto moderno, porém para os homens do futuro talvez constituísse uma reprodução divertida do passado, como as vitórias de Samotrácia em prata no capô dos Rolls Royce.

Em todo o caso trata-se de um objeto do presente ou do futuro que descobrimos no passado. É com efeito difícil postular a existência, na Colômbia pré-histórica, duma civilização capaz de fabricar aviões a reação. Uma tal civilização deveria dispor, especialmente, de rolamentos de esferas, invenção que não se constata em qualquer tecnologia antiga.

Poder-se-ia multiplicar os exemplos de tais "sinais".

Um dos mais impressionantes, segundo me parece, sucedeu na pequena cidade americana de Owensville, Indiana. Em dezembro de 1939, encontrou-se sobre as calçadas, traçadas com letras enormes, as seguintes palavras: "Lembrem-se de Pearl Harbor" ("Remember Pearl Harbor"). Ora, o bombardeio de Pearl Harbor pelos japoneses não aconteceu senão dois anos mais tarde, exatamente. É bastante difícil

encontrar uma hipótese racional que dê conta de tal fenômeno.

Outro testemunho interessante, pois que aí vemos intervir uma imagem do passado surgindo no presente, onde se conserva.

Em setembro de 1954, a Sra. John Mackey, de Indianápolis, ficou atarantada ao ver no seu receptor de televisão a imagem do avô, George Shots. Essa imagem se fixou e, por assim dizer, se petrificou literalmente no vídeo, sendo indiferente se o aparelho ficasse ligado ou desligado. Não pôde ser apagada.

Eu verifiquei. Tal fato sucedeu realmente. Não foi nenhuma invenção de jornalista barato.

Mas eis aqui uma estória mais antiga que averigüei partindo do confronto das informações fornecidas por diversos historiadores e que parece autêntica, se bem que o objeto em questão não tenha sido encontrado.

Foi oferecido ao imperador Nero um caneco de matéria plástica. Esse caneco, quando jogado à terra não se quebrava, mas se enrugava e se deformava. Podia-se em seguida endireitá-lo a golpes de malho. Nero mandou executar o personagem que lhe havia oferecido o tal objeto para que os vidreiros de Roma não fossem arruinados.

A explicação usual dessa anedota supõe que um artesão romano tenha descoberto o segredo do "vidro maleável". Mas as contingências físico-químicas deixam pensar que um tal vidro não pudesse existir. O vidro é na verdade

um líquido sobrefundido que não pode retornar ao estado líquido a não ser a uma temperatura muito elevada. Por outro lado, não é absolutamente verossímil que um artesão romano tenha podido criar a indústria de matéria plástica, particularmente as molas que são fabricadas com um aço especial e necessitam de vapor ou eletricidade para obter as altas pressões necessárias à deformação dos plásticos.

O caneco de plástico de Nero não podia ser fabricado na sua época. Originava-se de outro lugar, é a hipótese que surgira através do tempo se ajusta perfeitamente.

Se não encontramos o caneco de Nero, encontramos a partir das primeiras escavações de 1938 uma vintena de pilhas elétricas em Bagdá. Parece difícil crer que esses objetos viessem do futuro, todavia os dados e os conhecimentos tecnológicos necessários não poderiam proceder da civilização contemporânea. Os objetos em pauta foram fabricados na verdade entre o século II A.C. e o século VI D.C.

Tais dados vieram de outra parte. De outros planetas (ver "Os Extraterrestres na História")<sup>1</sup> ou do futuro. O mesmo é válido quanto aos dados que constituem a base das construções de Stonehenge, de Carnac, e dos alinhamentos de menires em geral.

1. Publicado pela HEMUS nesta mesma coleção (n. do T.).

É necessário notar que 35000 anos antes de nossa era, os homens já se interessavam pela estrutura do tempo. Existem gravuras sobre seixos rolados que parecem muito bem constituir calendários lunares, como estabeleceu o americano Marshack<sup>1</sup>, e trezentos séculos depois deles, homens edificaram esses verdadeiros computadores de pedra que são Carnac e Stonehenge.

Pierre Duval (obra citada, pg. 80) conclui a esse respeito:

"Astrônomos de outrora... Sábios matemáticos, destroços duma civilização desconhecida ou soçobrada; ou viajantes cósmicos encaçados na barbárie da Terra neolítica; ou então homens de gênio que foram ao mesmo tempo condutores de povos... Quem nos dirá quem eram realmente?"

A essa lista de hipóteses desejo acrescentar a seguinte: aqueles que comunicaram tanto aos homens pré-históricos como aos construtores de Carnac e Stonehenge essas informações a respeito do tempo poderiam ser viajantes do tempo.

A história, a meu ver, está portanto aberta não somente à terceira dimensão, o espaço, mas também à quarta, o tempo. E atribuo aos viajantes do tempo um grande número de manifestações. Distingo vários vestígios de sua passagem. Por exemplo, esses objetos anacrônicos, ou a transmissão de conhecimentos demasiado avançados para a época, como os

1. Cf. "Ciência" t. CXLVI, 1964, pgs. 743-745.

de Jean Asdruc, um dos médicos de Luís XIV, que sabia que os micróbios existiam e que escreveu a respeito.

Estaria inclinado também a atribuir aos contatos com viajantes do tempo um certo número de predições particularmente exatas.

Não me esqueço, porém, que existem seres humanos particularmente sensíveis à ressaca do futuro e capazes de predizer com precisão os acontecimentos vindouros.

A título de exemplo cito o caso do americano R. C. Anderson, o qual escreveu ao pesquisador australiano Andrew Thomas que "na Checoslováquia, as armas blindadas serão empregadas para esmagar as veleidades de liberdade" no dia 18 de março de 1968, ou seja, cinco meses antes que os russos invadissem a Checoslováquia com seus tanques. E no momento que todos os especialistas em análise política pensavam que os países do pacto de Varsóvia não ousariam fazê-lo.

Objetos anacrônicos, conhecimentos anacrônicos. . . Certos físicos vão mais longe ainda.

Richard Feynman, prêmio Nobel de 1965 de física, descreve o pósitron como um elétron que recua no tempo. Outros físicos postulam um universo que recua no tempo relativamente ao nosso. E Norbert Wiener, o inventor da cibernética, no livro que traz esse título, encara a mesma possibilidade. Até por volta de 1970, os físicos negavam a possibilidade material duma viagem no tempo rumo ao passado.

Se pudéssemos, diziam eles, estabelecer equações que fizessem surgir um tal retorno, não se trataria senão de um artifício de cálculo.

A partir de então vê-se cada vez mais físicos admitir a possibilidade de tal viagem material no passado.

O que é irritante é o fato desses mesmos físicos recusarem-se a discutir os paradoxos que logicamente resultam dessa possibilidade de viajar ao passado. Assim, o astrofísico Bonnor, no seu livro sobre a expansão do universo, reconhecendo cabalmente essa possibilidade de "retroviagem", escreve:

"Quanto aos paradoxos que resultarão duma viagem ao passado, nós os deixamos aos escritores de ficção científica."

Considero tal posição insustentável. Se a viagem ao passado é possível, o que a presente obra pretende sugerir, senão demonstrar rigorosamente, todas as nossas noções têm que ser revistas.

É como diz com muita justeza Olivier Costa de Beauregard<sup>1</sup>:

"O universo material estudado pela física não é o Todo do universo, mas sim máscara, demonstra e deixa entrever a existência de um outro Universo, bem mais primordial, de natureza psíquica, do qual seria algo como uma duplicata passiva e parcial."

Nosso livro supõe que homens do futuro alcançaram o conhecimento do Universo total

1. "O Segundo Princípio da Ciência do Tempo" (Éditions du Seuil).

e não somente o universo científico atual, que não é senão "a duplicata passiva e parcial".

Tal conhecimento lhes permite viajar através do tempo, e, sem dúvida com muitas dificuldades e restrições, voltar ao que é para nós o passado e o presente.

O autor deste livro está longe de pretender ter atingido o nível de conhecimentos matemáticos desses homens do futuro e inclusive esta não é sua ambição. Deseja simplesmente despertar o interesse de seus leitores para as anedotas, para os exemplos e para os fenômenos que podem fazer com que seja suspeitada a ação, outrora e entre nós, de viajantes vindos do futuro.

Citemos novamente Costa de Beauregard:

"Vai daí que essa tese sustenta que a trama do cosmos material não está a este ponto suficientemente coesa para ser auto-suficiente e que matéria seria afinal de contas muito mais um *reverso* que um *anverso*. Esquiva-se a pensar que uma visão física *stricto sensu* do cosmos seja demasiado estreita; que a física de amanhã arrisca-se a se encontrar obrigada a entrar num diálogo ativo como, digamos, a psicologia no sentido amplo, para lançar as bases de uma ciência muito mais compreensiva."

Eu me permitiria acrescentar a isso que essa física de amanhã engendrará igualmente realizações efetivas.

Essas realizações deverão ser estritamente controladas. Do mesmo modo, se considerará

daí por diante controlar a fabricação das bombas termonucleares, a não ser que se destrua todo o nosso planeta.

Controlar-se-á certamente os dispositivos que permitirão acender ou apagar à vontade as estrelas, dispositivos que constituem o próximo passo para a física das altas energias.

Controlar-se-á certamente a viagem através do tempo, a não ser que se arrisque tombar num caos total. Essa viagem necessitará certamente de um dispositivo mais complicado que a demasiada ingênua "bicicleta para viajar no tempo" de Wells.

Parece provável que uma máquina que faça viajar no tempo permaneça onde está, remeta o viajante ao passado ou ao futuro, depois o traga ao ponto de partida, logo que seja possível — o que não deverá ser sempre o caso.

Este livro, destinado ao grande público, não é uma obra matemática. Recusa-se ser também um catálogo de fatos bizarros, uma enumeração de "coincidências exageradas", para retomar a expressão de Charles Fort. Algumas dessas coincidências foram acima citadas. Seria possível, porém pouco interessante citar mais dez ou cem.

Preferimos contar um certo número de histórias que põem em cena personagens reais (exceto Melquisedeque, figura lendária), personagens que nos parecem ou terem sido viajantes do tempo, ou terem estado em contato ou em comunicação com eles.

Escolhemos tais personagens bastante arbitrariamente. Por exemplo, por que Melquisedeque e não o imperador inca Manco Capac, que também veio do desconhecido e se estabeleceu na história a uma data que nos é impossível conhecer. Por que Fo-Hi, o imortal imperador chinês e não o Rei Artur? Este livro talvez tenha uma continuação. Por enquanto, será necessário limitar-se a alguns personagens determinados.

Em relação a alguns deles, Melquisedeque, o imperador Fo-Hi ou os Mestres Secretos do Tempo dos maias, não é possível assinalar datas. Tudo se passa como se esses seres transcendentais tão-somente projetassem sua sombra na história, sem que essa sombra possa ser localizada no espaço e no tempo (o mesmo se diga quanto a Jesus, entretanto esta é uma outra história...).

De outros, entre os personagens que escolhemos, conhecemos as datas de nascimento e morte. Alguns mesmo, como Boscovitch ou Heaviside, são bem conhecidos aos especialistas da história das ciências.

Contudo, aqui falaremos deles de um ponto de vista que não terá, sem dúvida, a aprovação dos historiadores das ciências. Tanto pior para eles. Já afirmaram, outrora, que as Pirâmides do Egito haviam nascido de fenômeno natural e tinham sido constituídas pela lava que se solidificara em forma de tetraedro! E também que Tróia era uma lenda...

## MELQUISEDEQUE, O VIAJANTE

Melquisedeque aparece pela primeira vez no livro da Gênese, na Bíblia. Lá está escrito:

“E Melquisedeque, rei de Salem, trouxe pão e vinho. Ele era sacerdote do Altíssimo. E ele o abençoou e disse: ‘Bendito seja Abraão, em nome do Altíssimo, senhor dos Céus e da Terra. E abençoado seja o Deus Altíssimo, que arrebatou o escudo dos teus inimigos e os entregou às tuas mãos’. E Abraão lhe deu o décimo de tudo.” (Gênese, XIV, 18-20).

Isso se passou por volta do ano 2200 após a criação do mundo. Poderia ser uma indicação quantitativa útil, se soubéssemos o que os hebreus entendiam por ano e por “criação do mundo”. Mas séculos de discussão não conseguiram elucidar esses dois termos. O que faz com que seja absolutamente impossível determinar datas quanto a Melquisedeque.

Entretanto, de qualquer forma as breves indicações da Bíblia já são curiosas. É a pri-

meira vez na história da humanidade que se trata da questão dum Deus Único, todo-poderoso, criador das estrelas e mestre do Universo.

Os modernos crentes em discos voadores teriam sem dúvida tendência a ver nesse Deus Altíssimo um extraterrestre, pois é uma questão de altitude. Mas deixemos de lado essas ninharias.

Notemos simplesmente, de passagem, essa curiosa coincidência. Era realmente natural que puritanos, para batizar a cidade que acabavam de fundar numa colônia do continente norte-americano, escolhessem o nome Salem. É menos natural que essa cidade fosse o centro de fenômenos de bruxaria, em seguida dos processos antifeticeiros mais importantes de toda a América do Norte. No que concerne a Salem da Palestina, nada conhecemos, nem se existiu nem onde se encontrava.

Melquisedeque, desde sua entrada em cena, possui um estatuto curioso. Ele não é um profeta. Não é também um patriarca.

Apareceu a Abraão, e coisa singular, continua a aparecer um pouco em todas as partes do mundo, mesmo nos nossos dias. Assim, o *France-Soir* relata em 26 de novembro de 1973 uma de suas aparições, bastante burlesca, é verdade. Segundo o diário, o personagem, uma espécie de mago, estaria atualmente num hospital psiquiátrico.

“Ele se intitulou Príncipe Carlos Magno Esses. Mas nenhuma investigação permitiu a

descoberta de sua verdadeira identidade. Ignora-se quem é, de onde vem. Segundo um de seus discípulos, uma poetisa de cinquenta e dois anos chamada Cyna, que compareceu por violação dum selo judicial, esse misterioso personagem não é outro senão um contemporâneo de Abraão, o rei de Salem, Melquisedeque, um messias imortal encarregado de reformar o mundo.”

Não é possível absolutamente, apesar do nosso desejo, ter conhecimento disso. Esse gênero de fenômeno é comparável à ponta dum iceberg. A totalidade da parte que permanece sob a água nos será sempre desconhecida.

O sentido do pseudônimo Carlos Magno Esses é realmente claro. Provém de S. S. Carlos Magno, o nome da divisão francesa que combateu ao lado de Hitler.

Aceito que haja uma confusão de personagens. Mas não é porque loucos pretendem ser Napoleão que Napoleão não existiu. Há um manicômio americano, atualmente, onde três alienados se tomam por Jesus Cristo. Tal coisa não nos faz duvidar da existência e da historicidade de Jesus Cristo. Observemos simplesmente que em novembro de 1973 o mito de Melquisedeque ainda está presente entre nós e exerce ainda um poder carismático.

Eis um outro exemplo do retorno de Melquisedeque, este nada burlesco, mas ao contrário manifestando uma espécie de grandeza épica. Sua descrição nos foi feita por um gran-

de repórter, que era também um grande escritor, Arthur Machen.

A estória se passou em 1917 no país de Gales, num pequeno povoado de pescadores, Llandrisant.

Desconhecidos haviam aparecido já desde há vários dias e proclamavam que faziam parte do Ffeiriadwyr Malcisidec, isto é, ao sacerdote de Melquisedeque. Celebraram em junho de 1917 a missa do Santo Graal na igreja protestante de Llandrisant. Os assistentes dessa missa ouviram e repetiram palavras de grego antigo, o que ninguém em Llandrisant conhecia. Em seguida houve milagres, atestados mesmo por quem não era habitante do povoado. Uma gigantesca rosácea de chamas, que tinha a igreja por centro, iluminou a região e atraiu particularmente a atenção do Alto Comando inglês, o qual a tomou primeiramente por um sinal luminoso dirigido aos submarinos alemães. Militares, marinheiros, habitantes dos povoados vizinhos testemunharam o fenômeno, que começou por volta de meia-noite e vinte.

Nessa noite, diversos doentes, num raio de cinquenta quilômetros, foram curados. Merece menção o caso duma jovem, Olwen Phillips, de Croeswen, próximo a Llandrisant, que morria de tuberculose. Ela estava à beira da morte e o médico que tinha vindo naquela manhã a fim de assinar o atestado de óbito, encontrou-a completamente curada. Ele declarou que se tratava duma impossibilidade científica

e escreveu a respeito ulteriormente numa revista médica: "Era impossível, seu corpo estava completamente roído pela tuberculose". Ora, naquela noite, a jovem Olwen teve a visão de três homens que portavam um objeto que conforme a descrição feita por ela correspondia ao Graal. E ela nunca ouvira falar do Graal.

Uma mulher total e irremediavelmente surda foi igualmente curada escutando os sinos da igreja badalar enquanto os sacerdotes de Melquisedeque lá celebravam a sua missa.

Arthur Machen observa que todos os enfermos curados declaram ter experimentado visões comparáveis àquelas que produzem a mescalina ou o *Anhelonium Lewinii*. Mas, em 1917, faltavam quarenta anos para Aldous Huxley escrever "As Portas da Percepção"; é pouco provável que alguém em Llandrisant pudesse dispor de mescalina; quanto ao LSD, não havia ainda surgido.

Os marinheiros e os elementos da polícia marítima não estavam certamente sob o efeito da mescalina e portanto viram a rosácea flamejante. Ouviram também um sino — não o pequeno sino da igreja, mas um grande sino, que segundo as testemunhas "era como o coro perpétuo dos anjos".

As testemunhas ouviram na própria igreja o pastor, um protestante racionalista da pior espécie, declarar: "Estes são os sacerdotes de Melquisedeque, os três pescadores de almas

sagradas estão entre nós. Glória! Glória!”. E durante essa oração viram os três personagens: silhuetas humanas tão luminosas que não podiam manter o olhar nelas. E esses três personagens seguravam um objeto sem forma precisamente discernível, mas que correspondia às descrições do Graal.

Escutaram ser pronunciada várias vezes a palavra Melquisedeque e palavras em grego antigo.

Arthur Machen nada conclui e se contenta em lembrar a existência de alucinações telepáticas coletivas, mas que também certos fenômenos estão além e acima de nossa ciência. E acrescenta:

“Os personagens que o Sr. Kipling chama de Senhores da vida e da morte tomam o cuidado de impedir que vejamos o que não temos o direito de ver.”

Em 1972, a *Flying Saucers Review*<sup>1</sup>, retomando a história de Llandrisant em 1917, e recordando uma história análoga em 1905, dá-nos enfim uma explicação racional: nada mais era senão discos voadores! “Como em Fátima”, acrescenta a revista com uma ingenuidade tocante!

Por que não? Mas por que não também o juízo final!

Geoffrey Ashe, o arqueólogo inglês que descobriu a Távola Redonda do Rei Artur e outras relíquias de Avalon, observa com mui-

1. Revista dos Discos Voadores (n. do T.)

ta justeza em seu livro recente, *Le doigt et la Lune*<sup>1</sup> que o racionalismo moderno pode ser definido como “a filosofia do ora, é apenas isto...”

As aparições de Melquisedeque se repetem em todas as épocas da história. Na Idade Média, no Irã, no Oriente Próximo. Desde a Idade Média o mito se estabeleceu. Foi dito que Melquisedeque não reside sobre esta terra, mas alhures, com os profetas Elias e Enoque. E que está “fora do tempo”; a expressão é repetida dezenas de vezes nos textos judaicos.

A respeito desse problema como a respeito de outros, espera-se que os Manuscritos do Mar Morto tragam precisões. E na verdade trazem, mas muito difíceis de ser interpretadas.

E eis a razão disso. A Bíblia, como todos os livros de história, segue uma cronologia linear: o passado precede o presente, o qual precede o futuro. Ao contrário, os Manuscritos do Mar Morto seguem uma cronologia cíclica. Os ciclos se repetem sendo diferentes dos ciclos precedentes. O derradeiro ciclo será o da vingança, o qual terminará com uma guerra de quarenta anos entre os Filhos da Luz (e os Filhos das Trevas. Por três vezes, os Filhos da Luz estarão a ponto de vencer, por três vezes os Filhos das Trevas quase conseguirão vencer. Numa sétima vez os Filhos da Luz triunfarão definitivamente “no espaço constelado de estrelas ao redor da terra”.

1. “O dedo e a Lua” (n. do T.).

Filhos da Luz! Luz do Criador! De Ajuda!  
23  
ouvi e repeti fora do corpo (duplo)

Depois disso virá a hora do favor divino: Deus renovará a aliança com seu povo e os ciclos serão findos.

De forma que as diversas alusões a Melquisedeque, "o Mestre dos Mestres da Justiça" não nos são muito úteis porque não são situáveis numa história linear.

Do mesmo modo, as tentativas de interpretar os Manuscritos do Mar Morto no sentido de um pré-cristianismo, fracassaram.

O estranho abade Tritêmio<sup>1</sup> apresenta Melquisedeque como um "eldil", isto é, uma criatura inferior a Deus mas superior aos anjos.

Reencontramos essa categoria no século XVII com Natuilius, depois no século XX com C. S. Lewis, citando Natuilius, precisa que um "eldil" não pode ser situado nem no espaço e nem no tempo.

A Idade Média judaica relata numerosas aparições de Melquisedeque a rabinos ou mesmo aos investigadores da Cabala, aparições que se situam entre os séculos VII e XVIII da era cristã. Cada vez sublinha-se o fato de Melquisedeque vir de outra parte e retornar a sua vontade.

É preciso aproximar esse fato do fato de que a idéia duma viagem ao passado é de origem judaica; voltaremos a isso.

É tentador comparar a estória de Melquisedeque do *Livro de Enoque*. O problema é que

---

1. Cf. minha obra "Os Livros Malditos". (NT.: tal obra foi editada pela HEMUS, constando nesta mesma coleção).

não estamos absolutamente seguros da autenticidade do livro.

Com referência a isso apresentamos uma versão oficial dada por Edmond Fleg em sua *Antologia Judaica*<sup>1</sup>, pg. 597:

"ENOQUE (LIVRO DE), obra pseudo-epigráfica, cujas diversas seções foram redigidas em hebreu pelos juizes judeus entre 170 e 64 A.C., e que chegou a nós numa tradução etíope. Vê-se aí a Queda dos Anjos, Enoque transportado à morada da tempestade e da luz, a nova Jerusalém onde os Gentios convertidos adorarão o verdadeiro Deus, a danação dos Maus e a alegria dos Eleitos, etc. Essa obra exerceu uma influência profunda no cristianismo nascente e nos Padres da Igreja. Conta-se mais de 70 textos do Livro de Enoque dos quais encontramos os equivalentes nos escritos do Novo Testamento, sem considerar os traços numerosos que foram deixados nas obras de São Irineu, São Clemente de Alexandria, Tertuliano, Orígenes, Lactâncio, São Hilário, São Jerônimo, Santo Agostinho, etc. (p. 109, 110, 111, 112). V. *Pseudo-epigrafias, Messianismo, Cristianismo*."

Em contrapartida, numerosos historiadores acham que a tradução etíope original jamais existiu e que a versão inglesa que possuímos é algo falso do século XVIII D.C. Caso em que o *Livro de Enoque* perde todo o interesse.

---

1. *Editions Flammarion*.

Todavia, se é tão antigo assim como se diz, narra um fenômeno muito curioso. Enoque viaja durante períodos que não lhe parecem exceder alguns meses, e, quando retorna, vários séculos se passaram. Viu-se nisso uma prova de conhecimento da contração relativa do tempo. Constitui em particular a tese de muitos pesquisadores russos. Pode-se ver aí também uma primeira descrição duma viagem através do tempo, do passado para o futuro.

Mas voltemos a Melquisedeque.

Poder-se-ia esperar que com a quantidade de escavações feitas em Israel, a crítica racionalista moderna nos trouxesse ensinamentos importantes sobre esse personagem. Não foi assim.

Por exemplo, o Professor Helmer Ringgren, que ensina na Universidade de Upsala não descobriu em parte alguma, no espaço e no tempo, qualquer vestígio da cidade de Salem. Isto o leva a uma pura e simples identificação de Salem e Jerusalém<sup>1</sup>.

Quando se conhece o hebreu e o aramaico pode-se dizer que a semelhança não é de delumbrar.

O eminente Professor Ringgren pensa igualmente que a estória de Melquisedeque foi imaginada no tempo do Rei Davi, no século X antes de nossa era, e que reflete a situação política da época. Segundo ele, Melquisedeque

1. H. Ringgren: *La religion d'Israël*, Payot, ed. 1966.

foi designado como sacerdote de El Elyon, divindade local.

No entanto, o Gênese descreve El Elyon como "o dono do céu e da terra". Se não se trata do Criador das Estrelas, trata-se ao menos — a observação é de Anatole France — dum importante procônsul local do império galáctico!

Apesar de todo o respeito que merece o Professor Ringgren, sua tese é tão razoável quanto pretender que é a Guilherme, o Conquistador que devemos os alinhamentos de Stonehenge. Se se falava de Melquisedeque à época do Rei Davi, falava-se também em 1917 e em 1973. Não vamos concluir disso que Melquisedeque foi inventado pelo *France-Soir*!

A interpretação que H. Ringgren dá (pg. 73 da obra citada) do nome do Melquisedeque é propriamente delirante. Enquanto esse nome significa: o imperador dos sábios, ele o traduz por "meu rei é Sedeque" e conclui a existência dum "deus Sedeque". Mark Twain diria assim que Mendelsohn deriva de Moisés já que é suficiente substituir *oisés* por *endelsohn*!

O racionalismo moderno não nos esclarece grande coisa, portanto, no que se refere a Melquisedeque. Particularmente, não insiste sobre os diversos textos judaicos onde está afirmado que Melquisedeque não era apenas o sacerdote do Altíssimo, mas também o sacerdote de El Shadai. O que é, todavia, interessante: segundo o próprio Ringgren, Shadai é o deus da Força e da Energia.

Um texto alexandrino diz: "Em nome de Melquisedeque e de Shadai, o que está no alto é como o que está embaixo".

Sempre segundo Ringgren, o nome de Shadai aparece desde o fim da idade do bronze. Infelizmente, ele indica numa nota que não dispomos de referências precisas.

Melquisedeque aparece em todo caso, mesmo para a crítica racionalista, como o homem que inventou Deus. Ringgren escreve (pág. 51) empregando as iniciais JHWH, que designam Deus e das quais ignoramos a significação: "JHWH estava presente, mas invisível, e era o Senhor, e Israel não dispunha de poder sobre ele".

O homem que teve uma idéia ou informações tão extraordinárias não era certamente de espécie comum. Rei de uma cidade inencontrável, profeta de um Deus novo e terrível, deteve como característica, por outro lado, uma mobilidade no tempo bastante rara.

Mircea Eliade escreve com muita propriedade num capítulo de seu livro<sup>1</sup>, intitulado "O tempo pode ser dominado", as seguintes palavras:

"Tocamos aqui um problema capital não somente para a inteligência do mito, mas sobretudo para o desenvolvimento ulterior do pensamento mítico. O conhecimento da origem e da história exemplar das coisas confere

1. *Aspects du mythe* (Collection Idées, Gallimard 1973).

Deu Sonho: Reviver  
as vivir nas.

uma espécie de domínio mágico sobre as coisas. Mas tal conhecimento abre igualmente uma via para especulações sistemáticas sobre a origem e as estruturas do mundo. Voltaremos a esse problema. No entanto, é necessário desde já precisar que a memória é considerada como o conhecimento por excelência. Aquele que é capaz de *se lembrar* dispõe duma força mágico-religiosa mais valiosa ainda que aquele que *conhece* a origem das coisas."

E Lovecraft disse: "a única atividade digna do homem é o combate contra o tempo".

A tese de nossa obra é a seguinte: homens de um futuro distante venceram esse combate e podem enviar mensageiros à nossa época. Melquisedeque foi o primeiro desses mensageiros. Veremos aparecer outros.

### Nota

Independentemente de toda opinião religiosa, parece-nos interessante citar a opinião da Bíblia Ecumênica do CAL a respeito de Melquisedeque: "Melquisedeque, rei-sacerdote, constitui uma figura profética do Cristo. O silêncio insólito das Escrituras (Gn 14) com respeito aos seus ancestrais e seus descendentes sugere que o sacerdócio representado por ele é eterno".

### FO-HI, O IMPERADOR IMORTAL

Como Melquisedeque, Fo-Hi, o imperador imortal da China, não está sujeito a datas precisas. Pertencia ao reino Xia.

O grande e único historiador da ciência chinesa, Joseph Needham, sustenta a princípio que o reino Xia é imaginário. Posto que se estabelece por volta de 2000 A.C.?!

Na verdade, cada vez que se trata dum acontecimento transcendente, a localização precisa no tempo é praticamente impossível, não podendo ser senão aproximativa. A projeção das realidades transcendentais no eixo do tempo é móvel e é preciso manejar com prudência nossa noção de data.

Também é difícil tomar ao pé da letra as crônicas chinesas, as quais nos dizem que Fo-Hi nasceu duma virgem, no caso dele, sem intervenção divina.

A tal virgem, indo tomar banho, encontrou uma flor presa em suas roupas, e a comeu.

Em seguida concebeu o Mestre do Tempo. A tradição chinesa situa esse nascimento em datas que variam entre 50000 e 3000 anos A.C.

De acordo com certas tradições, Fo-Hi veio do céu, acompanhado de extraterrestres munidos de trompas de marfim, sendo que esses extraterrestres deixaram baixos-relevos que os sábios chineses datam de 50000 anos A.C. Infelizmente não se conhece na Europa um meio para datar um objeto desprovido de carbono que tivesse cinquenta mil anos. Certos sistemas de datação são eficientes mesmo quando se trata de bilhões de anos, porém a datação através do carbono 14 não vai além de 30000 anos, perdendo além disso sua precisão à medida que nos aproximamos de tal limite. De modo que não se sabe bem como os sábios chineses chegaram a essa idade de 50000 anos para seus baixos-relevos.

Em contrapartida — e estamos seguros quanto a isso porque os objetos existem — há certos seixos que podemos datar de entre menos de quarenta mil e menos de cinquenta mil anos. Aliás, não se trata aqui de pedras separadas, mas de seixos descobertos na China em camadas geológicas datáveis.

Esses seixos trazem três linhas — geralmente duas linhas contínuas e uma linha quebrada — as quais não são devidas ao acaso ou à natureza. A tradição chama tais linhas de trigramas.

Afirma a tradição: "Fo-Hi governava todas as coisas sob o céu. Ele olhou para o alto e

contemplou as constelações cintilantes formadas pelas estrelas, em seguida olhou para baixo e considerou as formas que via sobre a Terra. Observou as marcas que decoravam as aves e as feras e, mais próximo de si, examinou seu próprio corpo onde descobriu igualmente marcas cósmicas. A partir de tudo isso ele aplicou os oito trigramas essenciais de modo a desvelar os fenômenos celestes que se desenvolvem na natureza, e tudo compreender”.

Esses trigramas compreendem duas linhas fundamentais: a linha contínua representa o *yang* (céu) e a linha quebrada representa o *yin* (terra).

Agrupando essas linhas em três obtém-se oito combinações, que são os oito trigramas do Imperador imortal, o Mestre do Tempo.

Este e os mandarins-cientistas, os quais estariam a seu serviço, poderiam muito bem ter descoberto, e mais cedo do que pensam os historiadores racistas da ciência, as leis fundamentais do universo. Era essa, sem dúvida, a opinião de Einstein, que escreveu em 1953 a um de seus correspondentes californianos, J. E. Switer:

“Caro Senhor,

*O desenvolvimento da ciência ocidental teve por base duas grandes realizações, a invenção*

1. Observar-se-á a que ponto a filosofia do Imperador se aproxima da idéia de Jorge Luis Borges em “A Escrita de Deus”, onde se pode deduzir todas as leis do universo a partir das manchas dum leopardo!

*dum sistema lógico-formal (na geometria euclideana) pelos filósofos gregos e a descoberta da possibilidade de encontrar relações causais por uma experiência sistemática (no Renascimento). Na minha opinião, não há razão para se espantar pelo fato dos sábios chineses não terem dado os mesmos passos. O que é de espantar é simplesmente o fato dessas descobertas terem sido feitas.*

*Sinceramente, o seu*

ALBERT EINSTEIN”

Gostaríamos de saber exatamente o que Fo-Hi fez desde essa primeira aparição, pois houve outras.

Na verdade, constata-se a aparição do Imperador imortal em momentos de gravidade. Crença espantosa num país onde não se crê na imortalidade física. A tradição registra que no fim de sua vida ele se retirou para longe, para um lugar celeste ou para uma ilha, segundo as variações. Não envelhece e às vezes sai de seu retiro.

Cada uma de suas reaparições era acompanhada do fenômeno apavorante do “quangao”, a censura vinda do céu. Foi ele que o trouxe aos homens, e foi uma dessas censuras, no século XIV de nossa era, que parece ter detido a expansão da tecnologia chinesa.

O que é certo, em todo caso — e todos os estudos históricos o mostram — é atribuir-se ao imperador Fo-Hi o único meio que está até

o presente à disposição dos homens para navegar, por assim dizer, nas ramificações do tempo, e basear seu comportamento nas informações provenientes de alhures (ou do mais profundo do inconsciente coletivo).

Trata-se do I Ching ou *Livro das Mutações*.<sup>1</sup>

A teoria de base do I Ching que, veremos, é também a da física mais moderna, tal como ressalta dos trabalhos de Everet, de Wheeler e de Cooper, é a seguinte: a cada ponto de seu percurso, o tempo se separa em ramificações diferentes das quais podemos dispor à vontade.

E o *Livro das Mutações* fornece orientações para a escolha desta ou daquela decisão, o emprego desta ou daquela ramificação do tempo.

Historicamente, eis o que sabemos do I Ching.

Apareceu em 1143 A.C.

Um chinês nobre, o duque Wen, foi posto na prisão pelo imperador por tentativa de rebelião. Na prisão, ele se pôs a estudar os trigramas do Imperador imortal. Combinou-os em sessenta e quatro hexagramas, dando para cada um deles uma explicação. Pleno dessa ciência, acabou saindo da prisão, votou ao imperador uma guerra sanguinolenta que lhe

1. Há uma edição completa realizada pela HEMUS baseada na tradução de JAMES LEGGE, eminente sinólogo. Nesta edição em português consta também os comentários de Legge (n. do T.).

## I Ching

proporcionou a vitória após quinze anos. Contudo, morreu pouco antes da vitória definitiva e foi nomeado rei postumamente.

O filho dele, Tan, depois de ter executado o imperador, foi nomeado Duque de Chou. Quarenta anos mais tarde, restabelecida a paz civil, retomou o trabalho de seu pai, sistematizou-o e publicou o *Livro das Mutações*, que chamamos também de o *Livro de Chou*.

Confúcio o estudará com sofreguidão, a ponto de utilizar três exemplares. Leibniz se servirá dele para descobrir o cálculo binário, lançando assim as bases das matemáticas modernas e do sistema de computadores.

C. G. Jung, após ter tido contato com ele, concluiu que constitui um meio de obter de algo conselhos valiosos.

O almirantado japonês se servirá do I Ching para preparar o ataque a Pearl Harbor. E um perito em estratégia do Serviço de Inteligência, Blofeld, sabendo que os chineses fazem uso do I Ching, pôde prever todo o desenrolar da guerra sino-indiana de 1962, inclusive a pausa do exército chinês, que desconcentrou todas as estratégias.

Atualmente nos Estados Unidos, médicos utilizavam o I Ching para diagnosticar e tratar certas doenças mentais.

No plano experimental, o I Ching sem dúvida funciona.

Num outro plano, constitui a primeira conquista do tempo pelo homem. O I Ching se

apresenta como uma obra que contém sessenta e quatro hexagramas e suas interpretações.

Quando somos colocados na vida diante de uma decisão ou opção, a primeira coisa a fazer é determinar qual o hexagrama conveniente à circunstância. Lança-se então ao ar moedas, pequenos bastões ou, tradicionalmente, certos talos vegetais.

De acordo com Jung, não é o espírito humano que influencia a sorte e permite, graças à combinação dos objetos, escolher o hexagrama. Mas há sincronização entre a queda dos objetos indicadores e a situação na qual está colocado aquele que indaga. Trata-se da célebre teoria da sincronicidade, exposta simultaneamente por Jung e pelo grande físico Wolfgang Pauli, prêmio Nobel.

Seria trair essa teoria não empregar matemática para expô-la. Vamos entretanto tentá-lo.

Ao longo do fluxo temporal, do passado ao futuro, certos eventos se influenciam. É a causalidade determinista clássica, ou probabilística, conforme as teorias.

Porém determinados eventos se influenciam também perpendicularmente a esse fluxo temporal, como as ondas produzidas na água por um navio podem perturbar outros navios, ou as ondas que estes provocam.

Tentemos deixar isso mais claro através duma história.

Em 1951, C. G. Jung recebeu um paciente que lhe disse ter dor de garganta. Jung achou

que tal dor fosse simplesmente psicossomática, mas aconselhou de qualquer modo que seu paciente fizesse um *check-up* completo.

Meia hora após a partida desse cliente, Jung recebeu um telefonema de sua esposa. Estava prestes a enlouquecer, pois pássaros se reuniram em grande número à sua janela, fenômeno que já se produzira logo que seu avô, depois seu pai, tinham morrido. Jung a tranquilizou da melhor forma que pôde.

Entretanto, no momento dessa conversa ao telefone, o paciente já se encontrava morto: um enfarte o matou logo que chegava a pé em casa.

Pela lógica comum, não se pode dizer que a agrupamento dos pássaros causou a morte, nem que a morte provocou o agrupamento dos pássaros.

Os dois eventos foram *síncronos*.

Perpendicularmente ao fluxo do tempo, eles se influenciaram.

Do mesmo modo, segundo Jung, a queda dos objetos indicadores que se interroga e a situação daquele que interroga são sincronizadas.

O I Ching constitui de certo modo uma flecha perpendicular ao eixo do tempo, e mostra entre as diversas bifurcações do tempo aquela que convém escolher. Em suma, um painel de sinalização.

Essa interpretação foi dada por Shao Yung no ano 1060 de nossa era. Foi ele igualmente que expôs partindo do I Ching a numeração

binária, a qual Leibniz reinventou em 1679. É essa numeração, que emprega apenas os números 1 e 0, que possibilitou os computadores.

Shao Yung vivia numa época que seguiu de perto uma reparação do Imperador Imortal Fo-Hi, uma época em que a ciência chinesa deu um grande salto à frente. Certos livros dessa época foram redescobertos pelo governo chinês atual, em especial os "*Ensaio sobre a fonte do sonho*" de Shen Gua.

Descreve a invenção, em 1045 de nossa era, da imprensa em tipos móveis por Bi Sheng.

Por volta da mesma época, os chineses enviaram às Índias Orientais uma expedição científica para estudar as constelações do hemisfério austral a 20° do pólo celeste sul. Essa expedição estudou igualmente as estrelas "Novas", e os radioastrônomos modernos empregam ainda listas de Novas estabelecidas pelos chineses, agora que a ciência grega não serve mais para nada. Pela mesma época, no século XI, os chineses inventaram a pólvora de canhão. A fórmula escrita que chegou a nós data de 1044. Os chineses serviram-se da pólvora tanto para a fabricação de armas quanto para utilização militar como para aplicações científicas.

Nesse mesmo ano, 1044, decididamente bem rico, apareceu a bússola magnética, que não provém nem duma ciência, nem duma experimentação, mas duma magia cósmica revelada

pelo Imperador Fo-Hi em ocasião de sua reparação por volta do ano 1000.

Na mesma época ainda, apareceu um aparelho adequado para a medição da intensidade e a indicação da direção dos tremores de terra. Trata-se dum vaso cheio de esferas, de onde saem quatro cabeças de dragões. Os impactos do tremor de terra fazem sair as esferas por uma das cabeças, a qual indica a direção. A distância percorrida pelas esferas fora do vaso permite medir a intensidade. É um instrumento ao mesmo tempo muito poético e bastante preciso.

A indústria química apareceu na mesma época. No século XI, uma obra intitulada "O fundo borbulhante do mar" trata da indústria do sal e de suas aplicações.

O aço apareceu na mesma época, com diversos usos.

Os chineses agora exploravam o planeta. Entre 1100 e 1450 de nossa era, a frota deles é a mais poderosa do mundo; certos navios podem transportar mil homens, que desembarcam em Madagáscar ou em Kamtchatka. No século XIV, dezoito expedições chinesas desembarcaram na África a fim de a explorar.

Em seguida tudo se detém. Depois de uma reparação do Imperador imortal que manifesta seu descontentamento. As explicações racionais que se dá dessa súbita interrupção são pouco satisfatórias.

Joseph Needham, que conhece admiravelmente a ciência chinesa, apresenta a seguinte

razão: não havia uma China de verdadeiro proletariado e a luta de classes é o verdadeiro motor do progresso; daí a interrupção do desenvolvimento científico na China.

Mas tal explicação me parece indigna dum marxista e tão pouco científico quanto possível.

Entretanto, existe uma outra explicação que não me satisfaz também. Foi-me dada por um amigo chinês. Disse-me ele: "No século XV de vossa era, as pontes com os Imortais foram cortadas".

Gostaria de saber de mais alguma coisa.

Houve uma misteriosa expansão na China. É preciso observar que foram os chineses que descobriram a Europa, e não o contrário. Tal descoberta foi devida ao explorador Zhang Quian, cuja viagem durou de 138 a 126 A.C..

A ciência chinesa incluía também as ciências secretas, como a alquimia, que começou em 140 A.C. com os trabalhos de Wei Bo Yang e seu manual "A União Dos Três Princípios."

É dessas ciências secretas que procederam a bússola magnética, a acupuntura e as narrativas de combates com seres não-humanos registradas pelas lendas. Alguns desses seres são chamados de "sacos vazios", o que não corresponde a nada que conhecêssemos...

Desde a alvorada dos tempos, o Imperador Fo-Hi parece ter feito recuar esses "sacos vazios", "e eles retornaram". Aonde? A tradição não o diz.

É igualmente no quadro dessas ciências secretas que é necessário colocar as pesquisas de Xu Lu Zhai (1029-1081), que guiado pelo I Ching tentou datar a origem da civilização chinesa. Ele remonta a 129600 anos de nossa era. Por que esse número? Gostaríamos de dispor de precisões quanto a essa longa cronologia, particularmente precisões arqueológicas. À falta de tais provas, podemos supor que o Mestre do Tempo viajou não apenas no seu passado, como também no seu futuro, e que essa data de 129600 anos representa o limite último que ele pôde atingir.

O que é certo é que ele trouxe dessa expedição e do passado, o conhecimento dos fósseis, conhecimento que data para nós do século XIX, com Boucher de Perthes.

Acham-se entre as informações sagradas fornecidas pelo Imperador Fo-Hi consignadas nos documentos chineses desde o ano 1000 de nossa era descrições e explicações a respeito de fósseis.

Bem mais cedo ainda, por volta de 260 A.C., a literatura chinesa encerrava descrições de objetos neolíticos, em especial uma vasilha de metal pintada de vermelho e negro.

Needham observa com muita propriedade:

"É absolutamente estranho que ninguém associou nem estudou desse ponto de vista todas as passagens, que encontramos nas literaturas Zhou, Qin e Han, no que concerne à antiguidade mais remota."

Seria com efeito interessante no mais alto grau conhecer o que foi a pré-história na China, tanto quanto as datas das reaparições do Imperador Fo-Hi no período histórico. É absolutamente possível, ademais, que trabalhos sobre esse assunto tenham sido executados, mas que não tenham chegado a nós.

Conviria saber, especialmente, se as aparições do Imperador Imortal coincidem com outros fenômenos não-periódicos e imprevisíveis que os chineses consignaram cuidadosamente; por exemplo, a aparição do que eles chamavam poeticamente de "As estrelas em visita", isto é, as Novas.

Saber também se as diversas aparições de visitantes vindos de outras partes, bastante numerosas nas crônicas chinesas, correspondem às passagens do Imperador Fo-Hi.

O importante, de qualquer modo, é que a civilização estabelecida originalmente por Fo-Hi e que se manteve por cinco milênios era uma civilização do tempo e não do espaço. Tanto assim que os chineses nunca inventaram a geometria, mesmo a euclideana. Esta eles a tomaram dos missionários ocidentais. Suas ciências matemáticas, bastante avançadas, eram exclusivamente algébricas. Em contrapartida, desde o primeiro século da era cristã, colocaram em cena um movimento de relojoaria, e desde então não cessaram de descobrir outros meios engenhosos para medir o tempo.

Com efeito, o tempo evidentemente lhes interessa mais que o espaço. Algumas de suas teorias, as quais datam de mais de três mil anos, mas que sábios chineses no ponto extremo da modernidade retomam atualmente, afirmam que o espaço não existe e que os objetos podem atuar uns sobre os outros a distâncias absolutamente fantásticas. Needham escreve:

"Encontra-se, desde a época dos *San guo*, enunciados notáveis a respeito da ação à distância, efetuando-se sem contato físico, a enormes intervalos de espaço."

Talvez por não lhe concederem importância, os chineses achavam fácil neutralizar o espaço, enquanto o tempo lhes parecia fundamental.

No I Ching como nos extraordinários dispositivos da relojoaria chinesa, percebe-se a marca duma atenção extrema dada ao tempo.

É o que confirma os comentários de Wang Bi ao I Ching, que datam do ano 240 de nossa era:

"A significação geral do Tao de Gwan — escreve ele — é que não se deveria governar graças a punições, nem graças a coações jurídicas; mas se deveria, perscrutando o porvir, exercer-se uma influência e intervir de maneira a mudar tudo que não opera bem."

Prever e dominar o futuro, subjugar o tempo, eis os objetivos que surgem desde o início da civilização chinesa.

Interessa-se, em contrapartida, muito pouco com o Cosmos. O que faz com que seja ainda mais curioso o fato dos chineses serem nesse domínio muito avançados. Sabem, desde o ano 1000 A.C., que, contrariamente ao que acreditavam os gregos, não existe esfera cristalina ao redor da Terra, que o espaço se estende ao infinito e contém provavelmente outros astros habitados.

Entretanto, mesmo lançando foguetes na atmosfera a fim de estudar uma propriedade por volta do ano 1000 de nossa era, os chineses não parecem interessados absolutamente na exploração do Cosmos, nem na colonização de outros astros.

Nos seus escritos há pouca referência a esse respeito, enquanto que, desde 1090, descrevem um relógio astronômico com uma tal profusão de detalhes que não nos é possível depois reproduzir tal descrição inteiramente.

Os chineses possuíam certamente mapas do céu e um sistema de coordenadas espaciais, mas o interesse deles pelo espaço não era nada comparado ao interesse que tinham pelo tempo.

#### *Nota*

Pedimos ao leitor que retenha a noção de sincronicidade, pois ela nos permitirá no último capítulo deste livro explicar duma maneira que nos parece totalmente original os paradoxos ligados às viagens no tempo, particularmente as viagens no passado.

### FUNDAÇÃO DA CIVILIZAÇÃO DO TEMPO

O segredo do tempo foi queimado em 12 de julho de 1562 na Cidade do México. Diego de Landa, monge franciscano encarregado de reprimir a heresia nas províncias de Yucatan e da Guatemala, recentemente conquistadas por Sua Muito Católica Majestade de Espanha, condenou à destruição na fogueira a parte essencial dos manuscritos maias que continham os segredos do tempo.

As testemunhas narram que no início o fogo se recusou a pegar. Acreditou-se por um instante que a multidão de indígenas reunidos ao redor do auto-de-fé iria intervir. Os soldados ameaçaram atirar, os índios recuaram e o fogo pegou. Desde então, alguns traços da civilização maia foram redescobertos pelas pesquisas modernas, especialmente as pesquisas soviéticas puderam lançar alguma luz sobre ela. Mas o principal segredo do tempo desapareceu.

Sabemos tão-somente que os maias não consideravam o tempo homogêneo. Certas partes do tempo possuíam certas propriedades, outras não. Um pouco como a superstição popular, que considera determinados dias nefastos, como a sexta-feira 13, e outros não.

Para os maias, o tempo não possuía dois vetores, o passado e o futuro, porém seis. Vemos surgir aqui, de novo, as "ramificações" do tempo notadas pelo I Ching e que nos servirão para eliminar os paradoxos temporais das viagens no tempo.

Não nos restam muitas fontes para reconstituir os segredos maias. Apenas três manuscritos.

O primeiro, que parece mais com um inventário que a um de nossos livros, e que tem sessenta e quatro páginas, se encontra em Dresde. O segundo está em Madrid; possui cento e doze páginas, mas faltam visivelmente o princípio e o fim. Enfim, vinte e quatro páginas em mau estado redescobertas por Léon de Rony nos arquivos da Biblioteca Nacional em Paris.

Um jovem soviético talentoso, Yuri Knorozov, deu os primeiros passos em direção da decifração. Isso lhe assegurou a oposição feroz dos especialistas oficiais, para os quais os maias constituíam exclusividade, em especial Eric Thompson. Entretanto, o cientista soviético reuniu indicações concludentes, as quais mostravam que a escrita maia se compõe de hieróglifos, isto é, que ela não é inteiramente

alfabética, como a escrita egípcia. Foi com muita reserva que apresentou o resultado de suas pesquisas em 1950 diante duma comissão universitária para um certificado que corresponde entre nós ao mestrado. A comissão, tendo deliberado, declarou que seu trabalho era claramente superior ao nível requerido de mestrado, e lhe concedeu sem qualquer hesitação o título de doutor em ciências e ciências humanas.

O talento foi reconhecido em vida, o que é raro. É verdade que nesse ponto os acadêmicos soviéticos têm o espírito claramente mais aberto que seus colegas ocidentais.<sup>1</sup>

Os poucos elementos que podemos tirar das decifrações soviéticas, e, por outro lado, a leitura dum certo número de estrelas que não trazem senão notações numéricas, embora bem interessantes, permitem representar uma civilização que procurava subjugar o tempo mais que o espaço.

A origem dos tempos, observa-se uma data zero, data em que o homem aparece na Terra. Segundo uma inscrição de 3113 A.C., essa data se estabelece no ano 5041738, número que corresponde de muito perto àquele dado pelas mais avançadas pesquisas de antropologia.

Durante muito tempo acreditou-se que os maias dispunham as datas ao acaso, mas mesmo os cientistas oficiais começam a admitir

1. Assim Zaitzeu obteve um doutorado com sua tese "Jesus Cristo extraterrestre", tese que prefigurava meu livro "Os Extraterrestres na História". Na França, um tal tema não poderia nem sequer ser apresentado.

que os maias detinham o domínio do tempo. Assim, utilizando-se dos trabalhos soviéticos, o Professor Charles H. Smiley, da Universidade Brown, acaba de publicar no *Journal of the Royal Astronomical Society of Canada* a decifração duma parte do manuscrito de Dresde. Essa parte encerra primeiramente a relação dos oitenta eclipses solares observáveis no mundo inteiro durante o primeiro milênio antes de nossa era. Em seguida, previsões de eclipses que deveriam suceder nos anos 42 e 886 de nossa era. Tais previsões são exatas e foram confirmadas pelos fatos. Isso implica ou que os maias empregavam telescópios — e eles não os possuíam — e lidavam com ciências matemáticas avançadas — o que não parece ser o caso —, ou que detinham o domínio do tempo para exploração e observação diretas, o que parece próprio de sua civilização.

É o mesmo domínio do tempo que encontramos no livro sagrado de Chilam Balam (do qual se possui uma versão espanhola e do qual Benjamin Péret produziu uma tradução francesa), que prediz com dez séculos de antecipação e minuciosamente a chegada dos espanhóis ao continente americano.

Diego de Landa tinha trinta e oito anos quando cometeu seus crimes. Sua crueldade atemorizou até mesmo os espanhóis e ele foi intimado a comparecer a um tribunal da ordem dos franciscanos na Espanha. Contudo, sua defesa foi tão hábil que foi absolvido e voltou ao México como bispo.

Deixou suas memórias, escritas em 1616 e redescobertas em 1863. Seu manuscrito contém um alfabeto maia. Diego de Landa afirma que a escrita maia era alfabética e fornece transcrições de letras. Foi esse erro e essa falsa transcrição que retardaram as pesquisas durante muitos séculos. Mais tarde, o célebre lingüista Benjamin Lee Wort tentou mostrar que a escrita maia se compunha de hieróglifos, mas Eric Thompson o votou ao silêncio.

Foi necessário Knorozov para demonstrar que a escrita maia era hieroglífica. Felizmente, o poder de Eric Thompson não se estendia até a União Soviética.

Quem foram os maias?

Vieram do norte, não se sabe quando. Na língua deles a mesma palavra designa o “norte” e o “passado”. De acordo com as últimas pesquisas, eram anteriores aos Olmeques e estão situados cronologicamente ao menos, dez mil anos da nossa era. Talvez mais.

Por volta do ano 1000 de nossa era, abandonaram suas cidades, não se sabe por que. Algumas de suas cidades foram descobertas na selva, outras esperam ainda que alguém as descubra. A fotografia aérea e a fotografia por satélite revelaram no Yucatan e na Guatemala dezenas de milhares de pirâmides ainda inexploradas.

As cidades descobertas e parcialmente exploradas colocam estranhos problemas. Palenque, por exemplo.

Encontramos lá um calendário lunar, que atribui ao mês lunar uma duração de 29,53059 dias. Precisão fantástica. Os números mais modernos, obtidos graças a um relógio atômico, apresentam com esse número um erro de 0,00027 por dia.

E esse resultado foi obtido por um povo que não possuía nem telescópio e nem computador. Depois disso, hesita-se afirmar que as datas obtidas com tal sistema numérico sejam imaginárias, ou hipotéticas.

No alto de uma pirâmide imensa, em Palenque, encontra-se o Templo das Inscrições. Uma dessas inscrições evoca singularmente um painel. Com mostradores e botões de acionamento, certamente. Quis-se ver a todo custo nesse "painel" a reprodução dum painel de astronave. Tal hipótese criou celebridade e fortuna para Erich von Däniken. Mas talvez não se tratasse senão do painel de um 2 CV!

Num certo número de inscrições desse mesmo tempo trata-se de nove mundos subterrâneos. Num deles reina o deus Hun Ahav, o qual segundo uma inscrição reina também no planeta Vênus. Compreenda quem puder...

Parece que deciframos de maneira satisfatória o sistema de numeração maia. Os maias empregavam o zero, representado em seus cálculos por um signo em forma de astronave munida de vigias.

Derivavam seu calendário de um sistema de numeração de base vinte. Nesse calendário, a mesma data não podia se repetir a não ser de

cinquenta e dois em cinquenta e dois anos. O ano começava a 23 de dezembro, no solstício do inverno e continha os seguintes meses: sol novo, poço, sementeiras, branco, cervo, extensão do fogo, sol amarelo, tambor, grande chuva, barulho da tempestade, deus desconhecido, rãs, deus da caça, morcego, deus desconhecido, mês final.

Fundando-se numa extensão média do dia, os maias podiam perscrutar longuíssimos períodos de tempo, até sessenta e quatro mil anos atrás. Entretanto, se o texto precisa que não se pode remontar a mais de 5041738, é sem dúvida porque não se pode explorar o tempo antes do aparecimento dos homens.

O tempo é marcado por sua cor, a qual não é a mesma a cada mês. Uma data retornando cinquenta e dois anos depois não tem forçosamente a mesma cor. Certas cores do tempo são boas, outras más.

E quando nos colocamos no fluxo do tempo para considerá-lo, percebemos não somente o passado e o futuro, mas também quatro outras direções.

Os heróis lendários dos maias, especialmente Quetzalcoatl, que é branco e possui um nariz semita, vêm não se sabe de onde.

O símbolo de Quetzalcoatl é a serpente emplumada que invadiu o império maia em 1028 de nossa era. Sua chegada é prevista, tanto quanto suas vitórias. Ainda se fala disso nas tradições maias, pois a língua maia, contrariamente, por exemplo, ao sumeriano ou o

hitita, é ainda falada nos nossos dias. Procura-se ademais agora comparar a tradição maia com o pouco que conservamos de textos escritos. Transcrições em espanhol dessa tradição são constantemente descobertas. Assim, em 1942, encontrou-se em Marida um fragmento perfeitamente desconhecido do livro de Chilam Balam. Porém, mesmo nos nossos dias, a gramática maia permanece extremamente difícil.

Por exemplo, os verbos indicam simultaneamente o objeto e o sujeito de uma ação, e a tradução exata é totalmente impossível. Yuri Knorosov traduziu para o russo um dos livros de Chilam Balam, diretamente do maia. Ele afirma que é mais fácil traduzir para o russo que para uma língua ocidental, mas que entretanto essa tradução não é senão aproximativa. O livro de Chilam Balam descoberto em 1942, o último em data, contém profecias e narrativas históricas em forma épica. Defini-lo como uma combinação de Ilíada e da Bíblia não é deformar muito a verdade. Os maias ainda são vivos; até mesmo sua população aumenta. Eles tiveram a sorte de sobreviver porque entre 1519 e 1605 os espanhóis massacraram mais de vinte e três milhões de maias. Os sobreviventes conhecem muitos segredos, escondidos por medo da repressão espanhola. Lentamente, os documentos saem dos seus esconderijos. Locais de cidades são pouco a pouco revelados.

Um dia todo o segredo ser-nos-á apresentado.

A cidade mais rica das que foram descobertas até o presente é Bonampak. Possui um templo suntuoso, com três peças imensas cobertas de afrescos que já nos ensinaram muito e muito nos têm ainda para ensinar.

Bonampak significa em maia: "paredes recobertas de quadros". A cidade é relativamente recente, do ano 800 de nossa era. É inacabada. As mesmas razões que levaram os maias a abandonar as outras cidades interromperam sua construção.

Os afrescos de Bonampak mostram-nos as multidões maias, a guerra que reinava nessa época e símbolos do tempo.

A cidade foi descoberta, por acaso, em 1946. De seus afrescos imensos acha-se geralmente que constituem uma obra coletiva, realizada sob a direção dum homem de gênio. Um tanto à mesma maneira que funcionavam os ateliês da Renascença. Esse gênio desconhecido parece ter traçado ele próprio o desenho dos afrescos com tinta negra, deixando aos seus colaboradores em seguida o cuidado de colori-los.

Parece que Bonampak foi iniciada durante o período desastroso em que as outras cidades eram abandonadas, depois continuada durante a invasão de Quetzalcoatl, procedendo do norte e destruindo em nome da serpente emplumada a primeira civilização maia a fim de edificar a segunda. E que esses dois fenômenos foram previstos. Por que então começar a construir uma cidade quando se sabia não poder terminá-la? Mais uma vez se coloca

a questão da fatalidade, e do sentido das previsões.

Notemos que em Bonampak, como em outras cidades, afrescos foram destruídos, estátuas quebradas, estelas derrubadas, a ponta profundamente enterrada no solo. Aparentemente, não se desejava que os invasores que penetrassem a cidade após seu abandono aprendessem demasiado!

Os livros de Chilam Balam insistem no fato dos sacerdotes maias preverem não somente as invasões, mas também as catástrofes naturais, particularmente os ciclones e as correntes violentas das marés. Essas previsões eram consideradas marcadas pelo selo da fatalidade e não podiam em caso algum mudar um destino inelutável.

É necessário observar que os livros de Chilam Balam foram redigidos por homens perseguidos que não conheciam a escrita maia e registravam sofrivelmente em espanhol tradições orais. São os livros maias que seria necessário que encontrássemos e decifrássimos. Talvez existam ainda, enterrados numa dessas inumeráveis cidades que conhecemos somente através de fotos de satélites.

Em que consistia exatamente a técnica usada pelos sacerdotes maias para explorar o tempo?

Arriscarei uma hipótese.

Por volta de 1965 descobriu-se em Nova Iorque dois gêmeos de vinte anos, mentalmente muito equilibrados — seus quocientes de



inteligência eram inferiores a 50 — mas possuíam um dom extraordinário: domínio total do tempo aritmético.

Quando se perguntava a um deles: que dia foi 4 de fevereiro de 1648? o outro respondia imediatamente: sexta-feira. E quando se perguntava ao outro que dia seria 11 de fevereiro de 2003, o primeiro respondia: quarta-feira.

Verificações demonstraram que não se enganavam jamais.

Várias pesquisas científicas foram efetuadas então e em vão, e um médico eminente acabou por admitir num artigo do jornal *Le Monde*:

“A ciência não dispõe de resposta para esse problema. Mas isso não é razão para apelar para ‘O Despertar dos Mágicos’.”

Com o risco de contrariar os cientistas oficiais, apelarei para o método de “O Despertar dos Mágicos”, isto é, para as hipóteses intuitivas baseadas em fatos verdadeiros, o que chamo de realismo fantástico.

Não atribuamos importância demais ao fato de que quando se interrogava um dos gêmeos, era o outro que respondia. Pode haver explicações para essa telepatia de pouco alcance, e nem todas telepáticas, aliás.

Os gêmeos possuíam o domínio do tempo aritmético. Certos observadores notaram neles um domínio de um tempo bastante curto. Assim, os gêmeos pareciam jamais ter ouvido falar de exploração do espaço. Mas quando lhes foi perguntado: “E quanto ao Sputnik?”

não apenas responderam com a data de 4 de outubro de 1957 como também recitaram de cor os vários artigos de jornais posteriores a essa data e que tratavam do Sputnik. Tudo como se pudessem voltar no tempo para se informarem.

Essa faculdade particular deve ser devida a uma anomalia do cérebro dos gêmeos.

Sabemos que os sacerdotes maias operavam os cérebros de outros sacerdotes. Instrumentos de trepanação e crânios trepanados foram descobertos. Daí me parece possível imaginar que os sacerdotes maias conhecessem uma operação da cirurgia cervical suscetível de conceder o domínio do tempo.

No caso dos dois gêmeos nova-iorquinos, o fenômeno foi provavelmente devido a uma mutação no nascimento. Estou convencido que os sacerdotes maias sabiam provocar tais mutações e que os indivíduos particularmente bem sucedidos podiam fornecer ensinamentos sobre o passado e o futuro, percebiam o tempo em sua realidade múltipla e não abstratamente e segundo duas dimensões, como nós o fazemos.

Talvez certos sacerdotes em que a operação tivesse obtido total êxito pudessem até mesmo se deslocar no tempo. O material escrito é realmente demasiado vago e raro para que possamos ter certeza disso.

Esse domínio do tempo proporcionava portanto não unicamente o conhecimento do passado e do porvir como também o conhecimen-

to individual da estrutura do tempo. Parece que esse fenômeno é único na história da humanidade.

Do mesmo modo que um homem no deserto ou no mar pode ao despertar circunvagando o horizonte e atentar segundo os quatro pontos cardeais, norte, sul, leste e oeste, para tentar vislumbrar uma caravana ou uma vela, um sacerdote maia podia circunvagando seis direções do tempo, ver sua cor nesse momento, concluir se era boa ou má e entrever eventos situados à perpendicular do eixo do tempo.

Aí estava o grande segredo que destruiu o monge Diego de Landa.

E aqueles que o conhecem ainda guardam-no cuidadosamente. Por volta do início do século XX descobriu-se no Yucatan dentro dum jarro um outro manuscrito maia, o quarto, até então desconhecido. Contudo, antes que pudesse ser copiado ou fotografado foi incinerado por desconhecidos.

Parece que no momento das invasões os sacerdotes maias davam instruções precisas e tais instruções são ainda respeitadas. Os espanhóis, certamente, destruíram muita coisa. E a epidemia de varíola que se seguiu à invasão espanhola matou ainda mais maias que os espanhóis<sup>1</sup>. Mas nem tudo foi destruído.

Já à chegada dos espanhóis — prevista há muito — precauções tinham sido tomadas.

1. Foi esta epidemia que deu a Wells a idéia da destruição dos marcianos por meio de micróbios em "A Guerra dos Mundos".

Assim, o templo localizado no alto da pirâmide de Uxmal não oferecia acesso senão por meio duma escada cujos degraus eram da altura de um homem. Para subir por tal escada era necessário um treinamento especial que só os sacerdotes dispensavam.

Recentemente o cientista soviético Vladimir Alexandrovitch Kuzmitzeff conseguiu subir ao alto da pirâmide de Uxmal. Narrou o seguinte:

“Sob o efeito da claridade implacável do sol tropical, minha visão foi subitamente turvada. Meu coração batia descompassadamente, uma fadiga como jamais experimentara na vida tomava conta de mim. Parecia-me que a escada não tinha fim. Compreendi porque acreditava-se que ela conduzia ao céu.”

Bem no alto da escada encontra-se uma figura de pedra não-humana que observa com olhar feroz os visitantes. Ao lado, vasos enormes deviam em princípio receber o fogo do sacrifício.

Todos os documentos dos templos no alto de pirâmides descobertos por Diego de Landa foram queimados por ele. Entretanto ainda restam as pirâmides e mesmo cidades inteiras desconhecidas. E existem documentos ocultos em galerias subterrâneas.

O governo mexicano preocupa-se com essa questão e tenta deter ao máximo o contrabando de antigüidades maias.

Nada nos impede de pensar que um dia encontraremos um documento que nos permi-

tirá conhecer a operação que faculta o domínio do tempo.

Caso admitamos a hipótese da existência de tal intervenção cirúrgica, uma questão então se coloca: como os sacerdotes maias eram capazes de executar uma operação que somos absolutamente incapazes de executar?

Mesmo com nossos métodos de anatomia para estudo do cérebro, mesmo com o esquadrinamento do cérebro através dos radioisótopos, mesmo com nossos eletroencefalogramas seríamos incapazes de proceder a tal operação. Como os maias, que acabavam de emergir do neolítico, a descobriram?

A única hipótese possível é a que sustenta que eles não a descobriram, mas sim a aprenderam.

De quem? Dos Mestres Secretos do Tempo, que ali viajavam e ali faziam suas experiências. Trata-se duma hipótese tão plausível quanto a dos extraterrestres, a qual aliás não é excluída por ela.

E mantereí tal hipótese até me mostrarem um eletroencefalograma descoberto numa tumba maia.

#### Nota

O que eu disse neste capítulo a respeito da trepanação dos maias poderá parecer extraordinário ao leitor. Acrescentarei aqui um extrato de um excelente estudo realizado pelo Professor Marcel Homet e aparecido no n.º 4

da revista Khadat, consagrada às civilizações desaparecidas.

Os Chimus constituíam um império na costa do Peru, muito estreitamente ligado ao dos maias. Alguns acham que os Chimus constituíram a base do império maia, outros que eles formaram uma colônia deste; seja como for, as técnicas médicas deviam ser as mesmas.

Eis o que escreveu o Professor Homet:

“Numa cerâmica, um homem se debruça sobre um indivíduo de crânio raspado e que com uma grande quantidade de folhas na boca parece adormecido. O homem de pé tem à mão uma faca em forma de T ligeiramente curvo. Pode-se pensar que ele está na iminência de operar aquele que, deitado, foi insensibilizado por aquele maço de folhas de coca que mascou. Então o cirurgião abre um orifício na caixa craniana; delicadamente ele retira o tumor *que sabe ali existir*, fecha o orifício e cauteriza. Tal coisa pode parecer extraordinária pois para isso é necessário conhecer perfeitamente a anatomia do cérebro. E deste modo os médicos atuais, que estudaram os crânios trepanados de Cuzco, estão de acordo acerca do seguinte ponto: muitos pacientes dos cirurgiões chimus foram trepanados diversas vezes e todos eles sobreviveram.”

## MOISÉS E A VIAGEM NO TEMPO

A primeira descrição de viagem no tempo encontrada não se acha num conto de ficção científica e não é de nossa época. Acha-se na Haggada, compilação de tradições não jurídicas que faz parte do Talmud.

Esse texto, o qual citamos de acordo com a Antologia Judaica, de Edmond Fleg, remonta sem dúvida ao século V D.C. É um texto não canônico que por consequência os crentes não são obrigados a admitir. Digamos que se trata mais dum conto moral.

“A hora em que Moisés subiu para as alturas, encontrou o Santo, bendito seja, sentado e ocupado em atar pequenas coroas (os signos e ornamentos) às letras da Tora”. “Rei do Mundo — exclamou ele — que te impede de me dar as letras sem as coroas?” — Deus respondeu: “Um homem nascerá após muitas gerações. Akiba ben Joseph será seu nome e

X em cada um de seus traços ele acumulará interpretações novas.” — “Rei do Mundo — disse Moisés — permite que eu o veja.” — “Retorna e vai” — Moisés foi e se sentou no último dos oito degraus na escola de Akiba: todavia não compreendia o que se dizia ali e sua força converteu-se em fraqueza. E quando Akiba tratava da questão seus discípulos lhe disseram: “Rabi, de onde extraístes isso?” — Respondeu: “De um ensinamento recebido por Moisés no Sinai”. Então o espírito de Moisés ficou tranqüilizado. Voltou ao Santo, bendito seja, e lhe disse: “Rei do Mundo, possuis um homem como aquele e é por meu intermédio que queres conceder tua Tora?” — E Deus lhe respondeu: “Cala-te, pois esta é minha vontade.” (*Menachoth, 29 b.*)

X É, parece-me, o primeiro texto que descreve uma viagem ao futuro com retorno ao presente. Em nenhuma literatura, que eu saiba, encontra-se texto análogo, até “A Máquina do Tempo” de Wells.

X Wells poderia aliás ter lido uma tradução desse texto, a de Zangwill, porque “A Máquina do Tempo” ironiza como a Haggada a respeito da auto-suficiência dos sábios acadêmicos que chegam a extrair dum texto mais do que os autores e o próprio Deus aí colocaram.

Assim, o rabi Akiba dá uma interpretação dos ornamentos das letras. Na obra de Wells, quando um viajante do tempo expõe a um círculo de amigos seu projeto, um deles exclama:

“Mas poderíamos assim aprender o grego da própria boca de Sócrates ou de Platão!”

E outro retorquiu:

“Ótimo meio de colar no próprio exame. Os sábios alemães aprimoraram o grego a tal ponto!”

O texto da Haggada é muito interessante pois a idéia de viagem no tempo é aí extremamente precisa. É realizada com a ajuda do Deus Todo-Poderoso, sem magia e sem máquina.

Esse texto se enquadra muito bem ao pensamento judaico desde o século II ou o século III A.C. Como observa com muita propriedade Needham<sup>1</sup>:

X “Os hebreus foram os primeiros ocidentais a dar real valor ao tempo, os primeiros a considerar a inscrição dos acontecimentos no tempo como uma epifania, uma teofania.” X

E Needham faz essa observação importante que se ignora geralmente:

“Sabe-se que o hábito de contar os anos a partir de nossa era data da proposição feita por Denys le Petit em 525 D.C.; ao contrário, o que praticamente se desconhece é que a série dos anos que se estende antes do nascimento do Cristo foi introduzida apenas no século

1. *La science chinoise e l'occident*, Ed. du Seuil, pg. 211.

XVII de nossa era e Bossuet foi sem dúvida o primeiro a utilizar em 1681.”

Isso explica talvez por que a idéia de viagem no tempo levou tanto tempo para aparecer no pensamento ocidental. Enquanto que cinco milênios A.C. os maias já calculavam há cinco milhões de anos atrás, os hindus estudavam os ciclos de cerca de quatro milhões de anos, os ocidentais ficaram bastante tempo confinados no estreito lapso de tempo de seis mil anos que separa, segundo a Bíblia, o nascimento do mundo do início de nossa era.

Os judeus, em contrapartida, parecem ter refletido na viagem no tempo desde o século II ou o século III antes de nossa era para chegar a esse texto do século V D.C.

O tempo judeu não parece jamais ter sido cíclico, mas irreversível. O tempo cristão foi cíclico, linear e irreversível, de acordo com os autores e de acordo com a atitude da Igreja.

Siger de Brabant, por volta de 1277, emitiu a teoria segundo a qual após 36000 anos, a história recomeçará e se repetirá em todos os seus detalhes; as constelações e os planetas retomarão sua posição original, os homens empreenderão novamente o mesmo ciclo pela enésima vez.

Em nenhum ponto do pensamento cristão encontramos a hipótese da passagem dum ciclo a um outro diretamente.

Houve, afinal, muito pouca comunicação entre a tradição judaica e a tradição cristã.

A publicação de textos judaicos em língua comum começa apenas à nossa época e está longe de ser completa. Mas, desde a Haggada, a noção de viagem no tempo está presente nesses textos e geralmente atribuída a Moisés ou aos grandes personagens históricos. Entretanto, mesmo os talmudistas, em suas sutis e ociosas discussões, não ousam discutir os paradoxos temporais. Jamais, por exemplo, se tratou ou mesmo se colocou a questão de saber se o próprio Deus pode mudar o passado.

No primeiro século A.C. os sábios discutiam o problema do determinismo e dos limites do poder divino, aos quais tornaram singularmente estreitos. Com efeito, todos os anos no Grande Perdão (o Kippur), o destino do mundo é determinado e o próprio Deus não pode mudá-lo. Não o poderá senão no ano seguinte, entre o Dia do ano judeu e o Grande Perdão. É então que é preciso orar e ser caridoso.

Logicamente — e Deus sabe quão os talmudistas são enamorados da lógica — se Deus permite a viagem no tempo, deveria poder mudar o passado. Entretanto, a questão não é colocada; parece que se quer um mundo dominado pela lógica e pelo determinismo.

No princípio do século II D.C. o rabino Eliezer diria: “Um milagre não é uma prova.” Atribuem-se os milagres e as viagens no tempo a magos sobre os quais os textos são extremamente prudentes.

Parece com efeito que os milagres, os retornos ao passado poderiam causar a ressurreição

dos mortos, o que é rigorosamente defendido. Tudo isso indica limites ao Deus Todo-Poderoso. Esses limites são definidos no tratado de Abraão Ibn Baud, "A Fé Sublime":

"Deus criou precisamente o possível enquanto possível e não conhece com precisão absoluta senão o possível subjetivo, que é objetivamente necessário. Pois o que acontece ao homem não é sempre inteiramente desejado por Deus."

É talvez entre esses acontecimentos não desejados por Deus, mas devidos à liberdade do homem, que é necessário classificar a viagem no tempo. Entretanto, o tema não foi absolutamente abordado, como se fosse tabu para o homem. Como tantas coisas, a viagem no tempo está reservada aos Grandes, e aos Grandes Antigos.

O Zohar descreve assim, majestosamente, um dos Grandes Antigos:

"Aprendemos no *Livro Oculto* que o Antigo dos Antigos, o Misterioso dos Misteriosos, o Oculto dos Ocultos é imperfeitamente determinável. Sabe-se somente que o Velho dos Velhos, o Antigo dos Antigos, o Oculto dos Ocultos. É por suas obras que se entrevê debilmente seu ser. Ele é 'o Mestre do manto branco e do rosto resplandecente'. Está sentado num trono formado de feixes de fogo."

Esse texto constitui a melhor descrição dum Mestre do Tempo que tenhamos.

A partir do século X D.C., a Diáspora — o povo judeu dispersado — começa a receber regularmente visitas. O visitante é descrito em mitos que são visivelmente uma condensação de três mitos diferentes:

— O mito do profeta Elias, elevado ao céu num carro de fogo;

— O mito do judeu errante, tabu para judeus, pois se trata da questão do Cristo, mas que intervém entretanto na estrutura do mito do visitante;

— O mito de Moisés que faz visitas em diversas épocas, em seguida retorna ao seu passado.

Esse mito do Visitante é ainda hoje de tal forma vivo que em certas festas, reserva-se-lhe um lugar em torno da mesa da família. Na Páscoa, por exemplo. Chama-se esse lugar de o lugar do profeta Elias.

Vi isso em 1920, em Krzemieniec, na Volhínia polonesa. Várias eram aí as casas que haviam recebido o Visitante: sempre o mesmo, um homem com roupas que não tinham nada de particular. Dizia ter vindo de longe e daí retornar.

Que pena que uma vez que estávamos na época moderna, ninguém pensou em fotografá-lo!

Sua derradeira visita, pelo que eu sei, verificou-se em Safed, em Israel, pouco antes da guerra dos Seis Dias.

Gustave Meyrinck, cronologicamente o último dos profetas judeus, que morreu em 1933,

falou admiravelmente do Visitante no seu livro "O Rosto Verde"<sup>1</sup>:

"Limpou a chave da porta que dá para a natureza interior. Essa chave está enferrujada desde o Dilúvio<sup>2</sup>. . . Se o vês como um homem entre os homens, é que tu não estás ainda desperto. Mas se tu o vês como um signo entre as estrelas, um símbolo entre as constelações, saibas então que foste eleito fazedor de milagres."

Um daqueles que guardam a chave dos segredos do tempo e da magia permanece na Terra e reúne os eleitos.

E enfim essas três palavras que resumem todas as doutrinas místicas e que dão a chave de todos os poderes: "Despertar é tudo".

Meyrinck fornece várias descrições do Visitante tal como o viu em sua época, por volta de 1925, em Amsterdam, em Praga e nos Cárpatos. Trata-se de um homem cujo rosto parece de bronze velho, enverdecido pela oxidação. Depois um rosto que não se pode distinguir, que se embaralha. Enfim, um signo novo do zodíaco, visível no céu noturno, unicamente para o homem despertado, isto é, para aquele que chegou a um estado de consciência superior àquele do homem comum.

1. Tradução francesa (*Le Visage Vert*) Emile Paul, Paris.

2. Pode-se ver nesta imagem uma correspondência com William Blake: "Se as portas da percepção fossem limpas..." Sabe-se que Aldous Huxley escreveu um livro, "As Portas da Percepção", onde admite ter sido influenciado por Blake. Mas não parece ter conhecido Meyrinck.

Há, segundo Meyrinck, uma escala numerosa desses estados:

"O primeiro escalão já se chama gênio. Os outros são desconhecidos da multidão e tomados por miragens. Tróia era também tida por miragem até que um homem teve a coragem de fazer escavações ele mesmo."

O Visitante, o Rosto verde, seria, no sentido gnóstico, um "éon", isto é, um Eterno, um personagem que dispõe do domínio do tempo. Simão, o Mago, o encontrou e escreveu sobre ele numa obra: "A Revelação de uma Voz e de um Nome", que infelizmente não chegou a nós.

Ele mesmo, para definir tal obra, diz: "Este escrito vem da Grande Potência, da Potência Infinita. É por isso que será guardado, escondido, velado e deposto na morada onde a Raiz de Tudo tem seus fundamentos".

Vários exemplares dessa obra foram descobertos no incêndio da biblioteca de Alexandria, outros foram queimados pelos cristãos.

Sobre Simão, o Mago, gnóstico vagabundo que percorria o Oriente Próximo dezessete anos após a morte de Jesus, temos diversas histórias estranhas, duma autenticidade duvidosa.

Ele era samaritano, levava uma vida pouco edificante e se fazia acompanhar duma prostituta que tirara dum lupanar de Tyr. Ele era taumaturgo. Os "Atos dos Apóstolos" narram:

"Havia na cidade de Samaria um homem chamado Simão que exercia a magia e mergulhava o povo de Samaria na fascinação. Ele

se dizia alguém de Grande e todos, desde o mais jovem ao mais velho, a ele se ligavam.”

Quanto ao Visitante, esse personagem que apareceu tanto no século X em Florença como no século XX em Safed e que se disse ser Moisés vindo à nossa época, comportar-se, o que é extraordinário, como simples observador e não como ator. Não parece intervir e quando se senta a uma mesa, mais escuta do que fala.

Esse mito do Visitante permanece muito vivo nos nossos dias e assume às vezes disfarces bem modernos. Assim, o romance de Noel Behr, “O Bóxeador-Fantasma”, onde inconscientemente talvez, a estória é exatamente a do Visitante, contada à maneira da epopéia popular moderna e do romance de espionagem estilo James Bond. Noel Behr é aliás um escritor americano popular, célebre por ter escrito o best-seller “Uma Carta ao Kremlin”.

O boxeador-fantasma, durante a Segunda Guerra Mundial na Alemanha se introduziu nos campos de concentração para fazer com que fugissem os prisioneiros e mandou para Hitler a cabeça decapitada do chefe da Gestapo que tinha por missão detê-lo. No fim do livro, ele retorna a um campo, coloca um chale na cabeça e se imiscui numa fila de judeus que marcham para o crematório. Noel Behr se dá conta de que modernizou a lenda do Visitante judeu e que lhe deu um fim digno da grandeza dessa lenda e que Meyrinck havia avaliado?

Em todo caso é uma prova suplementar da vida desse mito.

Pode-se dizer, sem dúvida, que foi criado no universo muito particular da Diáspora e que as perseguições o reforçaram.

Mas, é insuficiente.

Convém que se note que jamais o mito do Visitante misturou-se com o do Messias. Os Messias, verdadeiros ou falsos, foram abundantes na Diáspora. Prometiam a libertação, enquanto que o Visitante não prometia nada.

O mais recente desses Messias, do qual a história é conhecida com muita precisão, chamava-se Sabattaí Zevi. Nasceu em 1626 e morreu em 1676. Conseguiu convencer um grande número de judeus, assim como turcos e muçulmanos, mas se mostrou incapaz de realizar milagres. Acabou por se converter ao islamismo. Conhecem-se detalhes precisos sobre a vida dos Messias. Nada sobre o Visitante, esse ser independente do tempo que surgiu regularmente, ao menos durante uma dezena de séculos.

E o texto que inicia este capítulo nos fornece a primeira descrição dessa capacidade de se deslocar no tempo, de fazer uma incursão no futuro, para voltar em seguida ao ponto de partida.

## MICHAEL SCOT

Como no caso de Melquisedeque, é difícil situar cronologicamente, com precisão, Michael Scot. Em contrapartida, sua existência histórica é inegável.

Sua primeira manifestação oficial situa-se no ano 1217, em Toledo. Era doutor em ciências, mas não se sabe de que universidade. Não se possui nenhum dado a respeito de data e lugar de seu nascimento, além de sua origem.

Em 1236, a obra de um poeta ligado à corte do Imperador Frederico II, na Sicília, menciona sua morte. É tudo que sabemos dele.

Entretanto, entre 1217 e 1236 adquire uma grande reputação de mago. Desprendia uma aura tal que em sua presença as coisas pareciam diferentes do ordinário, e dizia-se que as torres de Notre-Dame se punham a tremer quando ele chegava a Paris.

Em Toledo traduziu do árabe o tratado de Al Bitrogi sobre a esfera. De 1220 a 1227, esteve a serviço do papa. Em maio de 1224 este lhe propôs o arcebispado de Cashel, na Irlanda, mas Scot recusou.

Em abril de 1227, o papa Gregório IX recomendou ao arcebispo de Canterbury que atribuísse uma bolsa a Michael Scot. "Sua erudição é prodigiosa e conhece todas as línguas, em particular o hebreu e o árabe.

Após o que Michael Scot passou para o serviço do Imperador Frederico II na Sicília, onde este mantinha sua corte. Frederico II era visivelmente neurótico, como Luís II da Baviera mais tarde; e, como ele, encorajava as artes e as ciências. Particularmente no domínio do que chamamos atualmente paraciências, como a astrologia e a alquimia.

Michael Scot tornou-se seu conselheiro e Dante o coloca em seu *Inferno* entre os grandes magos. Sua reputação é considerável.

No que concerne à ciência oficial, Scot permanece como um dos introdutores de Aristóteles, que traduziu para o latim a partir do hebreu e do árabe.

Contudo, há um outro domínio. Durante seu período na Sicília, Scot publicou três livros que, podemos afirmar, não são do domínio da ciência tal como a concebemos oficialmente. Também a muito séria *Enciclopédia Britânica* censura em Michael Scot sua prolixidade, sua incoerência e sua falta de espírito crítico.

Com efeito, esse ingênuo não acreditava na transmutação dos metais, quando todos sabiam que não existia?

Acreditava também que a Terra girava em torno do sol e que absorvia energia produzida pelo cosmos. Ora, todos sabiam que isso não era verdade!

Seu primeiro livro, o *Liber introductorius*, trata de astronomia e astrologia e se pretende ser trabalho original de Scot. Copérnico já está incluído aí e também os raios cósmicos e os planetas habitados.

O segundo, o *Liber particularis*, trata da natureza do tempo, sua medida, suas relações com o infinito. Encontramos aí um diálogo com Frederico II, que, completamente louco como era, coloca questões muito pertinentes. Há também no livro alusões a viagem no tempo.

Enfim, a *Physionomia*, sobre a qual convém estender-se mais, Scot coloca aí esta questão fundamental: "O que é o poder?"

E responde:

"O único poder que vale a pena é aquele do espírito sobre o espírito. O controle de grandes massas de matéria inanimada não é nada. O verdadeiro poder é impor a própria vontade sobre outros espíritos. Somente assim podemos dominar o homem."

E ele entra nos detalhes. Mostra como se pode deduzir os mais secretos pensamentos dos homens a partir de seus rostos, de seus com-

portamentos, de suas reações. Explica que podemos ainda sabê-lo *a partir de seus sonhos*. E isso vem por volta de 1230! E principia a expor a arte secreta que permite dirigir os sonhos, depois se detém porque o imperador deseja, diz ele, guardar para si esse conhecimento essencial, e o proíbe de revelar demais dele.

Mas parece certo, segundo a *Physionomia*, que Scot descobriu o princípio que Sigmund Freud devia enunciar sete séculos mais tarde: aquele que tem olhos para ver e ouvidos para ouvir percebe bem depressa que os mortais nada podem ocultar.

Além disso, é evidente que Michael Scot conhecia e praticava o hipnotismo e a lavagem cerebral, e que ia nesses domínios mais longe que os cientistas de nosso tempo (se é verdade que podemos aqui falar de ciência e que a psicologia seja ciência e não uma falsa ciência, o que eu acredito).

Scot parecia ter atingido o "exercício do único poder que valia a pena", o controle de um espírito por um outro espírito.

Hitler havia recebido de Haushofer algumas lições dessas técnicas, mas não as possuía senão parcialmente. Scot parece ter alcançado a técnica completa. Infelizmente, não temos nem suas notas nem relatos precisos sobre as lições que ministrava a Frederico II.

Além das três obras de que já falamos, diversas outras obras chegaram até nós. Relacionam-se essencialmente com a alquimia, mas

não é absolutamente certo que sejam de Michael Scot. Como mostrou Jacques Sadoul no seu "Tesouro dos Alquimistas"<sup>1</sup> os autores verdadeiros das obras alquímicas ocultavam cuidadosamente sua identidade.

Entretanto, no que concerne ao controle do espírito, resta-nos apenas a *Physionomia*.

E existe a lenda. O mito de Michael Scot é até rico demais. Atribuem-se-lhe todos os poderes mágicos. A ressurreição dos mortos, a criação artificial da vida, a transmutação dos elementos, o controle dos climas.

Na verdade, nada sabemos de suas experiências de laboratório. Ele observava o sol e as estrelas, praticava a experimentação médica. Disso estamos seguros. É tudo.

Mas a marca extraordinária de Michael Scot permanece, mesmo que não nos fiemos em sua lenda. E portanto, a seu respeito, teve-se vontade de dizer mais uma vez: onde há fumaça, há fogo...

Ele parece ter sido um matemático de grande talento, na vanguarda de seu tempo. Conhecia todas as línguas de que se ouvia falar em sua época e perfeitamente. Suas traduções do árabe e do hebreu, tanto de trabalhos de Aristóteles quanto de trabalhos de sábios árabes, marcaram todo o pensamento da Idade Média. Tem-se também dele uma tradução dos *Comentários* de Averróes a Aristóteles.

---

1. Publicado pela HEMUS nesta mesma coleção (n. do T.).

Predizia o futuro, e com tal precisão que sua reputação de mago nasceu disso. Mas não parece ter jamais estabelecido um horóscopo, no sentido moderno da palavra.

Praticava a alquimia e parece ter atingido a Grande Obra.

Tudo isso implica uma cultura imensa. Ora, não se sabe nada de seus estudos. Esse escocês (nós o sabemos unicamente porque ele o diz, embora sua origem não seja talvez escocesa, ou não da Escócia de seu tempo) apareceu subitamente e foi admitido imediatamente, sem prova, como sábio diplomado. Numa época em que o mandarinato universitário e eclesiástico era todo-poderoso. Ademais, a Igreja nunca se desentendeu com ele e nem o perseguiu sob alegação de investigações heréticas ou sacrilégios.

É verdade que foi prudente ao ponto de após ter estado a serviço do papa lograr a proteção do imperador. Louco tal imperador? Se louco, em que sentido? Talvez simplesmente incompreendido por sua época. Talvez desequilibrado pelos conhecimentos que os homens comuns não possuíam.

Sob a proteção do imperador, ele realizou suas grandes obras. Parece que uma parte de seus trabalhos foi utilizada pelo espantoso abade Tritemo que expôs — ao menos ele o pretendia assim — uma técnica para suges-

---

1. Ver desta mesma coleção "Os Livros Malditos".

tionar as pessoas à distância e lhes impor suas vontades.

Depois não se ouviu falar mais desse poder sobre os espíritos até que a Guerra da Coréia popularizou repentinamente a expressão "lavagem cerebral". Desde então, um certo número de cientistas sérios (Sargant, Cohen-Seat) se dedicou ao problema.

Acusavam-se os países comunistas a China Popular de ter empregado largamente essa técnica. O que se sabe da Guerra do Vietnã não o confirma. Se prisioneiros americanos foram maltratados, algumas vezes torturados, jamais se praticou a lavagem cerebral com eles com sucesso.

A China Popular não parece mais deter tal técnica. Acaba de libertar prisioneiros europeus e americanos que mantinha há dez anos, nos quais nenhuma lavagem cerebral eficaz foi operada.

Todavia, em todos os países as pesquisas em relação aos segredos de Michael Scot têm uma prioridade absoluta, mesmo no que concerne à descoberta de novas armas.

Com efeito, qual a necessidade de uma bomba atômica se podermos agir diretamente sobre o espírito do inimigo?

Michael Scot tinha mais alguma coisa ainda para nos revelar? John Bichan<sup>1</sup> achava que sim e fez várias pesquisas sobre ele em diversas bibliotecas da Escócia e da Europa.

1. Pode-se achar um resumo vulgarizado de suas pesquisas no seu romance "Os Três Reféns".

Não é inadmissível que descubramos um dia na Sicília novos manuscritos de Scot. Aliás, seria mister nos interrogarmos a respeito das razões da atração que a Sicília exerce sobre os magos, de Scot a Aleister Crowley.

Scot é então um homem omnisciente, que vem não se sabe de onde, que deixou a terra não se sabe como, de posse dum segredo que visivelmente pertence ao nosso futuro.

Mas não é a única razão que nos faz ver nele um viajante do futuro.

Seu interesse pelo tempo, sua faculdade de previsão, seus consideráveis conhecimentos acerca do passado da humanidade fazem suspeitar uma relação com o tempo que não é aquela dos homens comuns.

No plano da história oficial, universal, que não é negligenciável, Scot tem o grande mérito de ter feito conhecer à humanidade mediterrânea cristã do século XIII outras civilizações. A civilização e o pensamento grego em primeiro lugar: foi ele que introduziu Aristóteles; a civilização árabe, contemporânea à cristã, mas diferente: traduziu as obras dos sábios árabes.

Não vamos afirmar — isto seria absurdo — que Michael Scot causou o Renascimento. Em história, a noção de causalidade não quer dizer grande coisa, sobretudo quando o tempo se mescla. E depois as ações individuais, sobretudo no domínio cultural, não vingam a não ser que sejam trazidas por uma onda do fun-

do, mais geral, e num terreno disposto a recebê-las. Charles Fort dizia:

“As máquinas a vapor aparecem quando é o tempo das máquinas a vapor.”

Scot apenas contribui de modo importante para o Renascimento.

Pode-se simplesmente dizer que se ele estava encarregado de despertar essa civilização para outras civilizações e outros tempos, sua missão teria sido perfeitamente cumprida.

E sem desprezar a importância dessa missão (ninguém afinal de contas o encarregou de pesquisar textos antigos, raros e traduzi-los, e à parte uma subvenção do papa Gregório IX, ele não parece ter sido ajudado financeiramente antes de se estabelecer ao lado de Frederico II) o papel de Michael Scot parece sobretudo ter sido o de revelar a quem possa compreendê-lo o segredo da dominação espiritual total dum ser humano em relação a outro ser humano. Sobre isso sabemos hoje menos do que ele.

Segundo Max Weber, chama-se esse efeito de dominação, carismática. Aquele que o detém dispõe de algo que se compara à virtude sonífera do ópio.

Sabemos que na Alemanha, um pouco antes e durante a Segunda Guerra Mundial havia ao menos dois centros de ensino desse efeito carismático.

Um na Ordem Negra do S. S., com seus mostérios especializados.

O outro, com um objetivo oposto, no seio dos “Círculos Cósmicos” de Stefan George, que se opunha a Hitler.

Nenhum desses ensinamentos idênticos em seu resultado chegou a nós. Talvez felizmente para a humanidade, porém é terrível e irritante pensar que no século XIII alguém sabia o que não sabemos, ou o que não sabemos mais.

E o resplendor que se desprendia de Michael Scot e que impressionou Dante, sua onisciência, seu interesse pelo tempo, seu conhecimento dos métodos de psicologia do futuro, tudo isso nos incita a pensar que com ele nos relacionamos com um Mestre do Tempo e não com um simples mensageiro.

## LEONARDO DA VINCI

E eu morrerei velho e coberto de honras, com reis que prantearão a minha sorte. Eu sou Leonardo da Vinci.

MANLY WADE WELLMAN, *Twice in Time*.

Cientistas muito sérios propuseram batizar de "efeito Leonardo da Vinci" a percepção intuitiva do porvir, sua previsão natural. O tema de Leonardo da Vinci viajante do futuro é um tema clássico da ficção científica e conta-se ao menos uma vintena de novelas e romances que a isso se referem.

Pedirei aqui ao leitor que faça um jogo comigo por um momento e leve a sério essa hipótese de Leonardo ter vindo do futuro.

E dessa "suspensão da incredibilidade" da qual Coleridge fala, o leitor, eu o creio, será recompensado.

Há um certo número de pontos precisos da biografia de Leonardo sobre os quais todo o mundo está de acordo, mesmo com essa biografia comportando, aliás, grandes lacunas.

Leonardo da Vinci nasceu em 1452 e morreu em maio de 1519. Não somente era homossexual, como ainda detestava as mulheres e a própria idéia do processo de reprodução o horrorizava.

Era pintor, um pouco escultor, sobretudo engenheiro. A melhor obra que lhe foi consagrada é um livro francês de 1892: "Leonardo da Vinci, o artista e o sábio", por Gabriel Séailles.

Nas páginas que se seguirão não apelaremos para as estórias de ficção científica, mas para fatos perfeitamente estabelecidos, graças particularmente aos diários e canhenhos do próprio Leonardo da Vinci. E chegaremos, eu creio, a conclusões inéditas.

Em primeiro lugar, Leonardo aparece como o primeiro ecólogo. A ecologia, ciência da união e da interligação das diferentes formas de vida, apesar de todas as divagações às quais dá lugar hoje, é uma ciência útil, talvez indispensável a nossa própria sobrevivência. Leonardo da Vinci, o primeiro, descreveu um sistema ecológico.

Sua idéia básica é fornecida pelo ciclo da água. Para ele, a água é o sangue da terra, a fonte de toda a vida, o elemento fundamental e essencial de todas as criaturas, vegetais e

67 anos

cadernetas  
(memórias  
(não tem  
plural

animais. Volta incessantemente a essa idéia nos seus canhenhos e em suas notas.

Sem que possamos imaginar como chegou a essa conclusão, ele sabe que o homem é composto de 90% de água. E é verdade.

Para ele, a água é o começo e o fim. Imagina uma sucessão de dilúvios e descreve um no que podemos considerar a primeira estória de ficção científica. Essa idéia da água constitui sua idéia essencial, o eixo de seu pensamento. É mesmo o único elemento certo no qual poderíamos apoiar um conhecimento da psicologia de Leonardo. Com efeito, as análises de Freud foram totalmente refutadas por Meyer Schapiro, outro eminente psicanalista.<sup>1</sup> O que lembra a palavra incisiva de Bertrand Russell: "Em psicanálise, a realidade é o que crêem os psicanalistas e a imaginação o que crêem os pacientes."

O que o próprio Leonardo pensava ser, nós não o sabemos. Quando fala de si a este ou aquele mecenas eventual, descreve-se unicamente como engenheiro militar. O fato de pintar, de desenhar parece sem importância para ele. Como se no mundo de onde vinha todos pintassem e desenhassem naturalmente e por conseguinte o talento nesses domínios carecesse de importância.

A ecologia é (atualmente) uma ciência e pode ser mais ainda no futuro. O ciclo da

1. Meyer Schapiro: "Diário da História das Idéias", vol. XVII, n.º 2, abril de 1956, pgs. 147-178.

água não é conhecido senão há pouco tempo e, além disso, devido às atividades industriais modernas pode-se temer que já esteja seriamente perturbado. Assim pensa-se em preencher o "deficit" de água doce dessalinizando-se a água do mar, talvez com a ajuda da energia atômica.

Cada vez mais as preocupações modernas encontram-se com os trabalhos de Leonardo. Alguns de seus projetos concretos nos foram deixados. Desse modo, para dar fim a uma guerra interminável entre Florença e Pisa, ele pensou em desviar o Arno, privando assim Pisa de seu rio. Bem mais tarde, com o fito de vencer o Egito pensou-se em desviar o Nilo.

O ciclo da água ocasiona profecias. Mas desde o início, Leonardo profetiza. Uma série de notas tomadas em Milão e que datam de 1494 traz o título: *Profecias*.

A fim de evitar o aborrecimento, particularmente com a Igreja, Leonardo observa: "Profetizo crueldades que serão feitas aos animais". Entretanto, trata-se de uma precaução oratória evidentemente, sem valor. Por que um sábio que não recuava nem diante da dissecação e da vivissecção estaria tão interessado na sorte futura dos animais?

De fato, se sabemos ler, vemos claramente, em 1974, que tal profecia é na verdade uma *descrição detalhada dos campos de concentração!*

Prefiro oferecer essa descrição ao leitor, embora a encontremos no *Codice Atlantico*,

conjunto de quatro mil folhas de desenhos e de textos recobertos por uma fina escrita.

Essas folhas contêm poucas opiniões pessoais de Leonardo, exceto um certo número de considerações a respeito da importância das matemáticas, especialmente para o engenheiro. Leonardo não era um criador matemático, não fez com que sua invenção progredisse. Mas, com Albert Einstein mais tarde, ele tinha um dom impressionante para encontrar para as matemáticas uma aplicação prática. E Leonardo considera-se sempre um engenheiro e um técnico.

Ele tentará até mesmo aplicar os métodos do engenheiro na pintura e nas artes.

Leonardo descreveu máquinas irrealizáveis na sua época, mas perfeitamente lógicas. A única coisa que lhe faltava para construir suas máquinas foi o rolamento a esferas. E é quase um paradoxo dizer que a tecnologia moderna, particularmente nos domínios da aviação e do automóvel, é devida a Leonardo mais o rolamento a esferas.

Suas invenções impressionam o espírito. Primeiramente suas máquinas voadoras, que diferentemente daquelas que outros imaginavam na sua época, não batiam asas, imitando o vôo das aves. As suas parecem com helicópteros ou com planadores. As últimas são perfeitamente exequíveis hoje em dia, com a condição de se dispor dum catapulta para seu lançamento ou dum avião para seu arrasto. Sabe-se do grande papel que tiveram os pla-

nadores na Segunda Guerra Mundial. Os alemães até mesmo construíram um que podia carregar um veículo de quarenta toneladas!

Muito recentemente se disse que Israel havia inventado um planador supersônico. E se está de acordo quanto ao futuro e a importância dos planadores. É mesmo surpreendente que um homem do século XVI os tenha conhecido tão bem!

Em Leonardo da Vinci encontra-se também tanques, pára-quedas, submarinos. E fala-se de trabalhos que ele teria destruído pois eram perigosos demais.

Que se permita que eu conte aqui uma estória pessoal. No programa de televisão *As Fronteiras do Possível*, escrito em colaboração com Henri Viard, eu tinha imaginado, no episódio intitulado *Batalha pelo sexto continente*, que Leonardo da Vinci havia destruído um manuscrito onde descrevia a possibilidade de mergulhar a grandes profundidades sem escafandro, graças a uma combinação gasosa especial. Apresentei o texto do episódio numa segunda-feira.

No dia seguinte, li nos jornais que esse manuscrito, o qual eu acreditava ter inventado, existia mesmo e acabava de ser roubado em Turim numa exposição.

Como a obra de Leonardo da Vinci, mesmo quando póstuma, perturba o tempo!

Leonardo descreve também homens-rãs, escafandros, engenhos de guerra, canhões, metralhadoras. Numa nota que endereça a um

futuro mecenas, o duque Ludovico Sforza, ele escreve:

“Ilustre Senhor, estudei a fundo o trabalho de todos aqueles que pretendem ser mestres-artífices e os melhores em instrumentos bélicos, e estou pronto a pôr à vossa disposição invenções secretas.”

E destas ele enumera diversas:

- uma ponte muito leve e muito resistente;
- uma série de armas de choque para desbaratar as fortificações;
- uma espécie de bombarda que projeta uma chuva de pequenas pedras e produz uma fumaça que aterroriza o inimigo;
- uma passagem secreta que pode ser construída sem barulho;
- carroções camuflados atrás dos quais exércitos inteiros podem dissimular seu avanço.

A nota descreve ainda detalhadamente bestas gigantes, catapultas, canhões fáceis de serem carregados.

E Leonardo acrescenta: “Em tempo de paz, posso fazer estátuas e desenhar tão bem quanto qualquer um. Eu vos proponho, ilustre Senhor, em particular, executar um cavalo de bronze em memória eterna ao príncipe vosso pai e a ilustre casa dos Sforza.”

Leonardo exhibe assim em poucas linhas seu gênio de pintor e escultor, mas se estende a respeito de suas qualidades excepcionais de

engenheiro militar. Entretanto — e isso parece firmemente estabelecido — jamais frequentou escola.

Florentino e jovem e pobre, aprendeu a ler, escrever e contar. Posteriormente, tornou-se aprendiz de Verrochio e passou a frequentar um meio exclusivamente artístico. Entretanto, conhece perfeitamente as matemáticas. E possui conhecimentos precisos de física e química.

E ele fala de um fluido mais sutil que a água, o qual causa o raio!

Onde aprendeu tudo isso? E mais: quando aprendeu tudo isso?

Os historiadores da arte e os filósofos que estudaram sobretudo Leonardo da Vinci, evitam essas questões, não se dando conta de sua dificuldade. Assim, Sir Kenneth Clark no seu *Leonardo da Vinci* (Pelican Book) acha que Leonardo lia muito e assim acumulou seus conhecimentos. Percebe-se bem que Clark não conhece as ciências.

É extremamente difícil, praticamente impossível, aprender as matemáticas completamente sozinho. São conhecidos apenas alguns casos, como o de Ramanujan (ver “O Despertar dos Mágicos”).

Por outro lado, Leonardo conhecia a fundo os trabalhos de Arquimedes, os quais eram escritos em grego. Sir Kenneth Clark supõe: “Ele devia dispor de traduções latinas”. Mas isso não foi comprovado nessa época. E Sir Kenneth Clark, sem dar conta da incoerên-

cia, acrescenta que Leonardo não aprendeu o latim senão em 1494.

Considerando-se devidamente as coisas, somos obrigados a concluir que os extraordinários conhecimentos de Leonardo da Vinci devem ter sido adquiridos numa outra vida: não há lugar na sua vida presente para a aquisição de tal conhecimento.

Sir Kenneth Clark reconhece que "a vida de Leonardo da Vinci é um grande quebra-cabeças cujas peças não foram ainda juntadas, e muitas coisas estão ainda para ser descobertas. Uma enorme erudição é necessária para isso".

Nenhum daqueles que estudaram Leonardo da Vinci parece, infelizmente, terem tido essa enorme erudição necessária. A maior parte deles não parece igualmente ter estado muito curioso e nem se colocaram muitas questões. Assim o próprio Sir Kenneth Clark em sua obra (pg. 121) nota a presença nos *Canhenhos* de Leonardo de croquis de aves em vôo que exigiriam que Leonardo dispusesse de filmes projetados em câmara lenta. E conclui disso: "Sem dúvida, os nervos do olho e do cérebro de Leonardo da Vinci eram supernormais e lhe permitiam ver e decompor movimentos ultra-rápidos".

Nunca se viu na espécie humana um ser dotado de órgãos dos sentidos tão sensíveis e rápidos.

E o senso comum impede de pensar que Leonardo da Vinci pudesse ver filmes em câ-

Leonardo da Vinci

mara lenta. Mas lidando-se com tal personagem, será suficiente o senso comum?

Em contrapartida, podemos concordar com sir Kenneth Clark no que concerne ao lado bizarro, incompreensível de Leonardo. "Ficaram para nós em seus *Canhenhos* e suas notas traços completos de seu espírito. Nenhum espírito humano deixou tantos traços. E todavia, nesse enorme material não existe uma sombra de emoção humana. Nada sabemos de suas afeições, de seus gostos, de sua saúde, de sua opinião sobre os acontecimentos correntes."

Era uma mentalidade de uma outra era, talvez de uma outra espécie. As poucas reflexões dele sobre os homens de que dispomos mostram que nutria pela humanidade o mais profundo desprezo. Para ele os homens são supersticiosos, entregam-se a essa atividade bestial, repugnante e estúpida que se chama guerra e se mostram incapazes de dominar a natureza.

Anunciou também o Dilúvio, e não somente o Dilúvio de água como igualmente o Dilúvio de fogo. Os desenhos que acompanham suas notas são apavorantes. E Leonardo da Vinci parece certo que a civilização periodicamente é destruída. E que ela será ainda. E Leonardo dá a impressão de conhecer a duração do ciclo em que vive.

Detesta a guerra, mas não hesita em aperfeiçoar as armas de seu tempo. Até um certo ponto, entretanto. Parece que destruiu certas invenções demasiado mortíferas, como se elas

oferecessem o risco de fazer desaparecer essa civilização cedo demais, antes da hora.

Suas observações quanto às matemáticas são espantosas para sua época:

“Somente as matemáticas trazem a certeza. Se um problema é suscetível de discussões metafísicas e de controvérsias, deve-se abandonar o estudo pois não se trata então de um verdadeiro problema científico, mas uma futilidade como as discussões teológicas.”

Ele parece pensar que um dia as matemáticas e as ciências exatas nelas fundadas eliminarão a religião.

Certeza estranha na sua época e que se poderia crer que veio do futuro.

Outro aspecto curioso. Diversas vezes, ele afirma faltar tempo para classificar suas notas metodicamente. Todo seu tempo é consagrado à procura e acumulação de informações. Todos os seus biógrafos notaram essa paixão, essa bulimia de informações. E tais informações, de onde as extraía ele? Ninguém sabe.

Entretanto, se ele as transmitiu, proporcionou a alguém de outro lugar ou de amanhã uma das visões mais completas de seu tempo.

Certos historiadores censuram em Leonardo a falta de espírito de síntese. Esquecem que Leonardo da Vinci não era um sábio, mas um engenheiro. Zomba das idéias gerais. E censurá-lo por não haver deduzido, a partir das

observações que fez, a circulação do sangue, por exemplo, é um absurdo.

A arte do engenheiro é a do possível e a da execução conjunta. O engenheiro não procura as invenções das ciências novas. Reúne peças já existentes e constrói a máquina de escrever ou o motor a reação. É o que, entre parênteses, coloca problemas de patente, os escritórios acham que as invenções têm que ser absolutamente novas. Deste modo, Hermann Oberth, o grande especialista em foguetes, quis registrar em 1930 a patente de uma astronave. Os especialistas do departamento de patentes se recusaram a fazê-lo alegando que se tratava duma combinação nova de invenções velhas: as represas estanques já existiam nos submarinos, etc. Poder-se-ia criticar Oberth tanto quanto Leonardo da Vinci por falta de idéias gerais.

Pode-se indagar, enfim, qual o objetivo que perseguia Leonardo da Vinci.

A resposta parece-me simples:

Ele procura aprender o maior número de coisas possível a respeito de nosso mundo, como se esse mundo fosse novo para ele.

Deve ao mesmo tempo assegurar a sua subsistência e ganhar a vida. E como os conhecimentos de engenheiro militar não lhe auferiam o suficiente, ele precisava pintar, apesar de não gostar disso.

Um de seus amigos mais próximos, Fra Pietro della Novellara, escreveu:

“Estuda arduamente geometria e não aprecia seus pincéis.” E “Seus trabalhos de matemática o afastaram a tal ponto da pintura que a simples visão de um pincel o põe furioso.”

No ano de 1502 Leonardo pensa em escapar da pintura pondo-se a serviço de César Borgia. Meteu-se em tal emaranhado de conspirações e envolveu-se tanto que não conseguiu desembaraçá-lo. O que é certo é que em 31 de dezembro de 1502, o melhor amigo de Leonardo, Vitellozzo Vitelli, foi estrangulado por ordem de César Borgia.

Leonardo foge, alcança Florença e volta à pintura. Durante três anos pinta muito. Depois lança-se de novo em suas pesquisas, na sua busca de informações.

É então que registra várias notas escrevendo da direita para a esquerda.

Meu amigo Jacques Couelle, famoso arquiteto, acha que a razão para Leonardo escrever ao inverso é simples: ele preparava textos e projetos que desejava imprimir, reproduzindo assim seus trabalhos essenciais em muitos exemplares.

Ele o fez? Transmitiu seus conhecimentos? Ninguém sabe.

Em nenhum momento parece ter sido perseguido, e se parou com suas investigações de anatomia, foi por causa de uma advertência muito amistosa do papa Leão X. Todos os seus trabalhos de dissecação foram continuados em

hospitais eclesiásticos, particularmente em Santa Maria Nuovia, em Florença.

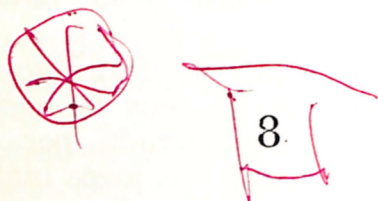
Conseqüentemente não foi certamente para dissimular seu pensamento nem por temor às perseguições que escreveu suas notas ao inverso.

Aliás, se tivesse desejado ocultar algo, poderia facilmente fazer uso de seus conhecimentos de criptografia, considerada por ele o domínio mais interessante dos jogos matemáticos. Ora, isto ele jamais fez. Destruiu suas invenções mais perigosas e anotou minuciosamente todo o resto.

Não é certo que todos os papéis de Leonardo da Vinci foram descobertos, mas os que conhecemos dão muito a pensar de uma pessoa deslocada... deslocada no tempo.

#### Nota

Há dez anos eu produzi na Itália com o editor Sansoni a primeira enciclopédia vendida em fascículos. Foi uma revolução editorial. Bem entendido, eu a havia chamado: Leonardo.



## ROGER BOSCOVICH

Fui o primeiro, em “O Despertar dos Mágicos”, a emitir a hipótese segundo a qual Roger Boscovich era um viajante vindo do futuro. Voltei a isso num outro artigo <sup>1</sup> e depois outros estudos sérios a respeito desse tema foram publicados — em parte inspirados por mim. De modo especial “Boscovich, cientista e visionário”, no livro de Pierre Duval “A Ciência diante do Estranho” (*Editions du Cal*, 1973).

Pierre Duval é o pseudônimo de um eminente cientista que tem em relação a mim a vantagem de ler o latim. Suas traduções me foram muito úteis para apoiar minha hipótese segundo a qual Boscovich veio do futuro ou estive em contato com homens provenientes do futuro.

1. Ver Bergier: “Um mutante no século XVIII: Roger Boscovich”, em *Planète* n.º 17, julho-agosto 1964, pgs. 30-43.

Pierre Duval escreveu: “O bibliotecário dos Jesuítas em Chantilly foi obrigado a verificar seus arquivos e descobrir um exemplar da *Theoria philosophiae naturalis*, de 1763, o único exemplar provavelmente existente na França. É um pequeno livro de aproximadamente trezentas páginas, que parece ter viajado muito pois traz não somente o carimbo da Biblioteca de Chantilly como o da Embaixada da Inglaterra”.

Resumamos o que sabemos com certeza de Boscovich.

Toda vez que o qualifico de italiano atraio sobre mim os raios dos croatas. Aparentemente Boscovich é o único homem ilustre do qual esse povo, conhecido por sua crueldade, chegou a se orgulhar. Mas na verdade se Ruggiero Giuseppe Boscovich (seus dois prenomes são italianos ou italianizados) nasceu em Dubrovnik a 18 de maio de 1711, fez toda sua carreira em Milão, sendo aí que morreu. Só deixou a Itália quando esta foi interdita aos jesuítas em 1740. Alcançou então a França e tornou-se diretor de óptica no ministério da marinha.

Entrou na Companhia de Jesus em 1726 e tornou-se professor de matemáticas de sua universidade. Jesuíta mundano, dotado marcadamente de senso de humor, escrevia admiravelmente e Voltaire o definia da seguinte maneira: “O espírito de Newton na boca de Virgílio”.

Interessou-se por arqueologia, por física, por química. E em muitos domínios, os mais diversos, estava não somente além de sua época, mas também além da nossa.

Eis aqui, por exemplo, algumas proposições feitas por ele em ordens de idéias discordantes e que são absolutamente novas:

— a criação de um ano geofísico internacional;

— a responsabilidade dos mosquitos na transmissão da malária;

— as utilizações possíveis do caucho — <sup>? invenção</sup> idéia que foi posta em prática por outro jesuíta, seu amigo La Condamine;

— a existência de planetas ao redor de outras estrelas além do nosso sol;

— a impossibilidade de localizar o psiquismo numa região determinada do corpo;

— a conservação do "minimum" de quantidade de movimento no mundo, lei que só foi enunciada em 1958, conhecida pelo nome de "constante de Planck".

Escreveu muito. O mais surpreendente dos seus livros, o qual apareceu em 1758, é a *Theoria philosophiae naturalis*. Essa obra justifica exatamente a observação que fiz sobre seu autor em "O Despertar dos Mágicos": "Mutante? Viajante do tempo? Extraterrestre camuflado atrás desse sérbio misterioso?"

Eu deveria dizer, admito-o, croata no lugar de sérbio.

Após ter estudado Boscovich durante mais de dez anos, de me pôr em contato com espe-

cialistas russos e iugoslavos em Boscovich e suscitado os estudos de que falei antes, inclino-me seriamente hoje para a hipótese de Boscovich viajante do futuro.

Entremos agora nos detalhes.

Boscovich começa sua *Theoria* por uma série de proposições enumeradas onde enuncia fatos sem dar prova. Seguramente não se trata do método científico habitual. Mas talvez estivesse bem embaraçado em ter que dar as fontes de seu saber.

Ora, suas proposições ultrapassam de longe os conhecimentos de seu tempo, às vezes mesmo os do nosso como a proposição *Physica XXIV*, que explica o fenômeno das causas dos cometas pelo efeito da pressão das radiações solares, e a proposição *Physica XXXIV*, que explica o raio como uma descarga elétrica entre as nuvens e terra.

Encontra-se muito dessas proposições muito avançadas. Particularmente a respeito da estatística e a possibilidade que tem o acaso de produzir tudo contanto que lhe concedamos tempo.

Boscovich escreve:

"Se todas as letras que formam um poema de Virgílio são colocadas num saco e se as tiramos depois pondo-as uma ao lado da outra, continuando tal operação ao infinito, encontraremos ao cabo de um número determinado de vezes a combinação que corresponde ao poema de Virgílio."

William Gibbs, no século XIX, Borel no século XX, chegaram à mesma conclusão, mas Boscovich escreveu isso em 1758.

Como anuncia as estatísticas modernas, anuncia a relatividade. E não numa maneira vaga. Escreveu:

“Não nos é possível conhecer as localizações (*modos existendi locales*), as distâncias ou as grandezas absolutas. Não podemos conhecer o movimento que nos arrebatava no mesmo tempo que o mundo, nem seus aumentos nem suas diminuições que não produzem mudança em nossas idéias. O que dizemos do espaço, podemos sem dificuldade afirmar do tempo. O vulgo não crê que se possa transferir uma medida local do tempo a um outro momento do mesmo tempo: percebe que se trata de outra (medida), mas a supõe igual por causa dum movimento (medida do tempo) suposto igual. Ora, é impossível separar do lugar onde foi feita uma medida de comprimento e uma medida de tempo e transferi-los a um outro lugar a fim comparar ambas a uma terceira.”

Isso foi em 1758. A relatividade restrita foi enunciada por Einstein em 1905.

É inacreditável, mas verdadeiro. E isso foi só o começo. Pois Boscovich continua e descreve outras possibilidades que são, quem sabe, do futuro, mas que com certeza não são nem de seu presente, nem do nosso.

Assim, e com a calma de quem não apresenta uma hipótese mas enuncia fatos, ele fala da possibilidade de atingir universos que não

são nem de nosso espaço nem de nosso tempo, de atravessar a matéria sólida, de se encontrar em vários lugares ao mesmo tempo, da existência de universos dos quais o nosso é apenas um átomo...

#### *E da viagem no tempo.*

Não há necessidade de aumentar e nem de extrapolar a partir do que Boscovich escreveu. Basta ler.

Para ajudar na compreensão exporei ao leitor uma idéia geral da teoria de Boscovich, abstraindo-me do emprego das matemáticas (o que é uma traição certamente, como as exposições “destituídas de matemática” da teoria de Einstein). Mas como fazer de outro modo?

Boscovich nesse livro publicado em 1758 supõe que o espaço, o tempo, o movimento são descontínuos, compostos de “corpúsculos”. No que concerne ao movimento e à matéria, essa teoria, nós a reencontramos no início do século XX: é a teoria dos *quanta* de Planck. Impossível ter sido expressa no século XVIII. E todavia, ela o foi.

No que concerne ao tempo e ao espaço, trata-se da ciência do futuro. E as conclusões que o próprio Boscovich tira disso são de uma audácia que ultrapassa de longe as idéias mais avançadas da física de 1974. Por exemplo:

“Entretanto pode existir uma ordem de coisas diferente da nossa, com a qual, por exem-

plo, não temos nenhuma relação de distância... ou de tempo. O espírito se violenta tentando concebê-la e dificilmente a admite.”

“Se em primeiro lugar o mesmo ponto material é unido ao mesmo ponto de espaço em diversos momentos do tempo separados por qualquer intervalo, produzir-se-á uma regressão ao mesmo lugar.”

“Ser-nos-ia possível passar através de portas fechadas e voar através das paredes mais duras sem encontrar qualquer obstáculo... se pudéssemos imprimir uma velocidade suficiente.”

“Poderia ser que o sol e todas as estrelas fixas não sejam senão uma única partícula duma ordem superior... e que pertençam a uma ordem mais imensa ainda; e poderia ser que existisse várias partículas dessa mesma ordem.”

Em algumas frases, as quais não são extraídas duma obra de ficção científica, mas duma obra científica aparecida no meio do século XVIII, Boscovich evocou sucessivamente os universos além de nosso sistema de espaço-tempo, a viagem no tempo, a traspassação de obstáculos, o universo do qual nosso sistema solar é somente um átomo.

E ele evoca muitas outras possibilidades. Ultrapassando a ciência atual quantas dezenas de anos, quantos séculos?

Assim pensa que os “corpúsculos” da matéria, os corpúsculos de espaço e os corpúsculos de tempo podem se combinar de oito maneiras

(duas ao cubo). O que faz, por exemplo, um objeto poder se encontrar simultaneamente em dois lugares do espaço (*replicatio*). Mas Boscovich acha que esse fenômeno não existe na natureza conhecida.

Ele teria estado sem dúvida muito cético quanto aos poderes de bilocação ou de multi-locação atribuídos a certos santos, de nossos dias a Padre Pio. É verdade que quanto a Padre Pio, a Igreja Católica de hoje se mostra ela também bastante cética.

Mesmo em Einstein, mesmo em Newton não encontramos a audácia imaginativa que encontramos em Boscovich.

Numa época bem próxima, Gauss descobre as geometrias não-euclídeanas, mas não ousa publicar seus trabalhos... enquanto que Boscovich enuncia calmamente verdades do futuro, como se não temesse nem a opinião dos homens nem a ira da Igreja. E se ele é algumas vezes violento em relação aos imbecis, não é nem perseguido e nem um paranóico.

Percebe-se logo que do seu tempo ele havia lido tudo, estudado tudo, sabia tudo. É interrogado sobre todos os problemas, especialmente sobre a maneira de impedir que os rios produzam erosão nas margens, o modo de reparar a cúpula da Catedral de São Pedro em Roma, ou a maneira de descobrir os pontos de interesse arqueológico, ou ainda a forma de curar a malária.

Fisicamente podemos muito bem representá-lo como uma espécie de Aramis, um abade da

corde, galante, muito discreto quanto aos seus sucessos com as mulheres. Diplomata às vezes, encarregado de missões secretas. E sobretudo cientista oficial. No dia 26 de junho de 1760, fez-se membro da Royal Society, agradecendo com um poema em latim, admirável, dizia-se.

As datas de seu nascimento como de sua morte podem muito bem ser falsas. O estado civil nessa época não é fixado. E se os documentos de identidade foram apresentados por ocasião de sua entrada no colégio dos jesuítas, talvez estes tivessem ordens para não observá-los muito cuidadosamente. O mesmo acontece no caso de filhas naturais de personagens importantes.

O atestado de óbito nessa época também foi mal definido.

A Sra. Elisabeth Hill, que escreveu a melhor biografia de Boscovich, assinala que não se localizou a certidão de nascimento dele, mas só uma inscrição ao registro de batismos de Dubrovnik.

Assinala igualmente que logo que ele morreu o cortejo fúnebre foi proibido e sua sepultura desapareceu. Não há evidentemente traço algum de autópsia ou de qualquer exame médico a que Boscovich tenha sido submetido.

Sabe-se somente que ele foi enterrado em Milão e que morreu a 13 de fevereiro de 1767 às onze horas da manhã.

Surgiram diversos panegíricos depois de sua morte. Todos insistiam no seu mau tempera-

mento, na irritação que manifestava por viver num mundo que considerava povoado de imbecis. O astrônomo Lalande, que fez seu panegírico na Academia Francesa, disse, com respeito ao seu mau caráter:

“Era o único defeito que se conhecia nele, contudo era dotado de todas as qualidades que constituem um grande homem.”

O monumento consagrado a Boscovich nos Jardins de Zagreb é uma estátua que apresenta um rosto imobilizado numa visão: “a da idade espacial”, declara o escultor Ivan Mestrovic. Foi dado igualmente seu nome a uma das crateras da lua.

Existe um exemplar dum livro de Boscovich dedicado a Lalande. A assinatura R. B. assemelha-se muito à de Roger Bacon. Foi o que foi observado por René Alleau. Não tiro nenhuma conclusão disso.

De qualquer modo, considerando-se esses conhecimentos uma tal imaginação científica não é comum e nem natural.

É possível, com certeza, que Boscovich tenha sido um mutante. Possível também que tenha sido encarregado de difundir conhecimentos provenientes de outro lugar. Em “Os Extraterrestres na História”<sup>1</sup> classifiquei Boscovich no ramo desses difundidores de conhecimento provenientes do espaço.

Mas hoje eu estaria inclinado a ver nele um viajante do futuro. Pôde então expandir seus

1. Publicado pela HEMUS nesta mesma coleção (n. do T.).

conhecimentos sem risco de transtorno já que ele vinha do futuro e sabia que realizando isso não mudava a história.

Boscovich mantinha relações com Voltaire, Lalande, Benjamin Franklin e o surpreendente barão de Gleichen, o mestre do pensamento da franco-maçonaria nascente, que em particular escreveu esta curiosa passagem:

“O pendor para o maravilhoso, inato em todos os homens em geral, meu gosto particular pelas impossibilidades, a inquietude de meu ceticismo habitual, meu desprezo pelo que sabemos e meu respeito pelo que ignoramos — eis os móveis que me fizeram viajar pelos espaços imaginários.”

Em Londres, Boscovich freqüentou o Colégio Invisível e os alquimistas e deve ter mantido relações e trocado informações com Cavendish (cf. “Os Extraterrestres na História”).

Depois viajou pela Europa e pela Ásia, estudando com um cuidado todo particular os lugares onde Schliemann descobriria Tróia um século mais tarde.

Sua paixão para expandir seus conhecimentos era tal que em junho de 1768, quando tinha quebrado a perna descendo de sua carroça, continuou fazendo seus cursos no leito e recebia seus alunos no quarto. Foi um bruxo de Bruxelas que lhe curou a perna com uma pomada misteriosa. Esse feiticeiro, de nome Vogels, continuou o tratamento à distância, graças a um pó de simpatia, até que finalmente Boscovich escapou da amputação.

Ele conta a estória de sua perna a seu amigo La Condamine, que por sua vez o informa da interdição e expulsão dos jesuítas da Califórnia.<sup>1</sup>

Foi em 1758 que Boscovich revelou uma parte do que sabia na sua *Theoria Philosophiae Naturalis*, a qual ele corrige para uma nova edição em 1763. Ele escreveu em latim e uma tradução inglesa surgiu em 1922. Não existe nenhuma edição francesa, por mais surpreendente que isso possa parecer.

Certamente a *Theoria* contém uma quantidade impressionante de revelações, grande demais para ser apresentada aqui. Apresento a lista de Lancelot Law Whyte, um dos mais importantes filósofos das ciências contemporâneas. Essa lista não cobre inteiramente a minha, mas é tanto mais interessante à medida que não se pode suspeitar que Lancelot Law Whyte seja autor de ficção científica e nem mesmo sensível ao espírito de “O Despertar dos Mágicos”.

Escreve ele:

“A *Theoria* contém passagens brilhantes sobre a continuidade, a geometria, a penetrabilidade. Sobre os universos que não reagem entre

1. Os jesuítas da Califórnia ficarão na clandestinidade até o princípio do século XIX. Cem anos depois um americano chamado Johnston McCully escreveria um romance medíocre a respeito dessa resistência. E desse romance nasceu um filme mudo genial, cujo herói se tornaria famoso no mundo inteiro: *Zorro*.

si e flutuam sem influenciar-se uns através dos outros, as formas da matéria à densidade muito alta, os universos finitos, os pontos-limites, as estruturas internas, os campos moleculares complexos, as reações em cadeia, a probabilidade, a idéia segundo a qual o universo não pode jamais voltar ao mesmo estado, e a importância da proporcionalidade, da massa gravitacional e da massa inerte.”

Ora, a maioria desses pontos pertencem aos domínios mais avançados da física matemática moderna. Alguns estão bem além dela, como os universos que se cruzam e que chamamos impropriamente em ficção científica “universos paralelos” (com efeito, as paralelas não se encontram, salvo no infinito, enquanto a ficção científica imagina intersecções, pontos de encontro e de contato entre esses universos que como escreveu Wells “estão mais próximos de nós que nossas mãos e nossos pés de nosso próprio universo”).

Grandes nomes da física, como Young, Faraday, Maxwell e Kelvin consideram Boscovich um grande precursor. Mendeleef, o grande químico russo ao qual devemos a tabela periódica dos elementos, o compara a Copérnico.

Durante um certo tempo suas teorias caíram no esquecimento, mas um renascimento de Boscovich está na iminência de se produzir. Cita-se cada vez mais frequentemente este juízo de Nietzsche: “A teoria de Boscovich

constitui o mais importante triunfo sobre os sentidos que já se verificou na terra”.

Procurou-se evidentemente as fontes nas quais Boscovich bebeu. Porém nunca foram encontradas. Obviamente ele leu Leibniz e Newton, mas é impossível encontrar em Newton, que foi um espírito muito aberto, alusões precisas em relação a outros universos coexistentes ao nosso, ou em relação à viagem no tempo, ou em relação à multilocalização.

Boscovich parece ter sido incumbido da missão de comunicar informações. Lancelot Law Whyte estabeleceu uma lista dos grandes homens que ele influenciou. Priestley, Young, Davy, Faraday, Clerk, Maxwell, Kelvin, H. J. Thompson na Inglaterra. Na França: Clairault, Lalande, Laplace, Gay-Lussac, Ampère, Cauchy, Segui, Saint-Venant. Em outros lugares: Fechner, Weber, Helmholtz, Hertz, Lorentz. Se consideramos esta lista, podemos dizer que foi bem sucedido.

Mas de onde retirava suas informações? Se as ciências continuassem a progredir no mesmo ritmo que progrediram até o presente, poderíamos dizer que a teoria de Boscovich corresponde ao estado das ciências no século.<sup>1</sup>

Ele fala dum “tempo colocado fora de nosso tempo”, isto é, constituído de instantes que não estão nem no presente, nem no passado,

1. Parece que existem nos arquivos iugoslavos textos de Boscovich mais importantes ainda que a *Theoria*, inéditos até o presente.

nem no futuro. Esse tempo fora do tempo serviu-lhe para viajar no nosso tempo humano? Utilizou-o Boscovich para vir do futuro?

Considero uma possibilidade. Evidentemente não uma certeza. Pode-se também, como o fiz outrora, apresentar uma hipótese segundo a qual Boscovich teria obtido essas informações de uma civilização galáctica de alhures. Entretanto, esclarecer logicamente um fenômeno tão excepcional como o de Boscovich através de fontes e influências exteriores me parece atualmente muito difícil, quase impossível.

Duval, no livro que já citei, escreve com inteira propriedade: "O gênio é acompanhado de verdadeiros dons de visionário. A previsão do futuro pode ser extraordinária em Júlio Verne, por exemplo, ao qual não se poderia negar uma espécie de gênio, tanto mais porque os futurólogos costumam ser duma falsidade espantosa. Com as devidas exceções.

"Em outros casos ainda, o problema é mais estranho: como denominar a faculdade que permite a alguns alcançar um nível de conhecimento que não poderiam ter no seu tempo? Estaremos falando dum saber oculto e antigo do qual conseguiram descobrir algumas migalhas? Tal coisa não é forçosamente absurda e acabamos de ver o problema colocado pelos antigos mapas e os portulanos estudados por Hapgood.

"Mas que dizer quando o autor disso é um cientista respeitado, oficial, universalmente

conhecido e que enuncia proposições estupidificantes como se fossem suas e sem citar suas fontes? É o caso de Boscovich."

Eis aí uma posição prudente que eu respeito. Mas me parece que em alguns casos a prudência não é mais suficiente. É necessário a audácia. É por isso que após maduras reflexões agora coloco Boscovich entre os Viajantes do Tempo.

## OLIVER HEAVISIDE

O personagem cientista além da ciência de seu tempo, isolado dos homens, escarnecido, desprezado e às vezes odiado por seus colegas, depois de tudo, constitui o personagem clássico, popularizado por Júlio Verne através do *Capitão Nemo, Robur, o Conquistador*. Um certo número de casos reais desse gênero são conhecidos e algumas vezes eles se cercam de tanta estranheza que se poderia pensar então em pessoas deslocadas em sua época, viajantes do futuro.

Neste livro trato de dois personagens cujo contraste é impressionante.

De um lado, Roger Boscovich, admiravelmente adaptado ao seu tempo, mundano, amado pelas mulheres, pertencente a uma ordem poderosa, a Companhia de Jesus, cientista universalmente reconhecido.

Do outro lado, Oliver Heaviside, isolado, cortado do mundo científico e do mundo efê-

mero, incapaz de se comunicar e de se fazer compreender, mesmo com a ajuda das matemáticas, tão pobre e abandonado que necessitava às vezes contar com um pedaço de pão para viver, um pedaço de pão dado por uma mão caridosa.

Nasceu a 13 de maio de 1850 e morreu a 3 de fevereiro de 1925 em Torquey, na Inglaterra. No plano das descobertas práticas, nós lhe devemos o cabo telefônico que atravessa o Atlântico. Seus estudos a respeito dos fenômenos que se dão no interior dos cabos telefônicos permitiram, com efeito, fabricar cabos e relês tais que as comunicações puderam atravessar o Atlântico e depois os demais oceanos.

Mas são sobretudo duas outras descobertas que tornam necessária a minha exposição para dar conta do lado extraordinário deste personagem.

A primeira concerne a um mistério já esclarecido, mas que intrigou todos os cientistas do mundo por um bom quarto de século. Sabe-se que o telégrafo sem fio, a televisão e o radar empregam ondas chamadas ondas hertzianas, que poderiam ser definidas como da luz invisível. São mais longas que as ondas infravermelhas, limite do visível, mas sendo o espectro eletromagnético contínuo não podemos dizer a que ponto exato cessa o infravermelho e começa a onda hertziana.

Digamos, para simplificar, que abaixo de 1/10 de milímetro de comprimento estamos

nos infravermelho e que acima começam as ondas de T.S.F.

O mistério que intrigou os cientistas, a ponto de os fazer duvidar do valor da ciência, é o seguinte: essas ondas se propagam em linha reta, como a luz. Deviam em consequência ser detidas pela curvatura da Terra. Com efeito não podemos ver de Nova Iorque um farol do Havre. A curvatura da Terra detém as ondas luminosas.

Estava portanto assegurado que as ondas hertzianas não poderiam ser úteis para a comunicação entre os continentes, nem para a comunicação com navios em alto mar.

Hertz, que foi o primeiro a descobri-las e produzi-las, respondeu por carta de maneira negativa a um engenheiro que lhe havia proposto a comercialização de sua descoberta: o cálculo permitia eliminar toda possibilidade de emprego prático das ondas hertzianas para as longas distâncias.

O engenheiro em questão, quando a T.S.F. apareceu e se viu despontar a televisão, apresentou o Museu de Karlsruhe com a carta, e lá ela se encontra à nossa disposição para que a vejamos.

Entretanto Marconi, que não cria na teoria, conseguiu no fim do século XIX efetuar comunicação por rádio entre a Inglaterra e a América. Era matematicamente impossível, mas realmente verdadeiro.

Wells já havia previsto corretamente (em *Os Primeiros Homens na Lua*) que as ondas

hertzianas poderiam ser empregadas para comunicação entre a Lua e a Terra. O que aconteceu: vimos pela televisão os primeiros passos dos astronautas na superfície de nosso satélite.

Como as ondas que se propagavam em linha reta podiam ir da Inglaterra aos Estados Unidos?

Imaginou-se que atravessavam a terra; a experimentação mostrou que isso era falso. Ou que atravessavam a água dos oceanos; a experimentação provou que isso não acontecia. Imaginou-se também que elas passam para a quarta dimensão, talvez, ou passavam pelo mundo astral dos espíritos.

Esta última hipótese teve tanto sucesso que em 1920, o grande inventor Edison se propôs a criar e se comprometeu em construir um rádio-telefone para comunicação com os mortos.

Os fundamentos e a lógica da ciência desmoronaram. Visto que se notou, além disso, que com o que se chamava ondas curtas, entre cinco e quinze metros de comprimento, não era necessário senão muito pouca potência para se o comunicar da França à Austrália ou da Rússia à Terra do Fogo: uma simples bateria portátil era mais do que o suficiente. A potência duma lanterna de bolso...

Falou-se cada vez mais de fluido, de corpo astral, de alma universal e de outras e outras futilidades. Explicou-se não importa o que

pela telepatia e invocou-se "o enfeitiçamento através das ondas", pois as ondas tudo podiam.

Então apareceu Heaviside. Levou dez anos, de 1910 a 1920 para se fazer compreender. Achava que o céu abrigava um espelho invisível, o qual deixava passar as ondas luminosas mas refletia as ondas hertzianas. Por reflexões sucessivas nesse espelho, as ondas podiam, dum ponto dado, chegar a não importa qual ponto da Terra.

A idéia, que independentemente de Heaviside um cientista de Harvard, Kennely igualmente havia emitido, abriu caminho.

O espelho de Heaviside, que chamamos atualmente de ionosfera, existe realmente. A ionosfera permite a passagem da luz, do calor e das ondas curtas, o que nos possibilita comunicar com as astronaves, obter ecos-radar de outros planetas do sistema solar e enviar, em princípio, mensagens rumo às estrelas.

E essa descoberta prodigiosa foi realizada por um Heaviside recluso numa fazenda de Devonshire, sem laboratório, desprovido de tudo.

A outra descoberta é ainda mais surpreendente. Vou tentar explicá-la sem recorrer à matemática, o que já é aceitar traí-la.

Trata-se do cálculo simbólico.

A matemática é essencialmente uma ciência de demonstração. Nada deve ser admitido sem demonstração. Mesmo as verdades que parecem as mais evidentes.

Por exemplo, em aritmética o mais evidente aos olhos do leigo não se apresenta ainda demonstrado: que um mais um são dois.

Mas foram descobertas surpreendentes, terríveis curvas que não possuíam nem interior nem exterior, as quais podiam até preencher internamente um quadrado inteiro e que fizeram com que  $1 + 1 = 2$  não fosse demonstrado.

Não esqueçamos nunca, a esse respeito, a palavra incisiva de Raymond Queneau: "Todas as demonstrações do fato de  $1 + 1 = 2$  não levam em conta a rapidez do vento". Do mesmo modo nunca conseguimos demonstrar matematicamente o fato, que parece evidente, da soma de dois números ímpares dar um número par; por exemplo:  $7 + 3 = 10$ .

Todos tinham tomado o partido dessa concepção da matemática. Até que em 1890 Heaviside propôs seu cálculo simbólico, que constitui matemática sem demonstração. Heaviside dizia: é verdadeiro porque digo que é.

E era verdadeiro no sentido que os sistemas baseados nesses cálculos, como os cabos telefônicos transatlânticos, diversos transformadores, aparelhos eletrotécnicos funcionavam.

Contudo, para os cientistas tratava-se da magia, pura e simplesmente. Então nos limitamos a negar os trabalhos de Heaviside. Na ciência não havia lugar para os magos.

Imediatamente o infeliz foi privado de qualquer meio pelo qual pudesse ganhar sua

miserável vida. Por outro lado, ele ficou surdo, o que o impediu de prosseguir seu trabalho na Companhia Telefônica, onde tinha estado empregado anteriormente, até 1874. Sobreviveu miserável, incompreendido.

Em 1892 conseguiu reunir um pouco de dinheiro e publicar um livro intitulado *Electrical Papers* (Trabalhos sobre Eletricidade), livro de um gênio extraordinário. Posteriormente não dispôs mais de meios para publicar às suas custas. Conseguia, entretanto, às vezes reunir três *pence* para mandar uma carta ao estrangeiro. Assim, a partir de 1905, escreverá a Einstein, a quem dirá:

“Embora o senhor seja ignorante, é entretanto menos estúpido que o resto dos habitantes deste planeta. Para que seus cálculos tenham êxito eis o que o senhor deve fazer...”

Einstein não era um matemático, mas um engenheiro especializado em patentes de invenções. Todavia, entendia admiravelmente a matemática. E não chegou nunca a compreender o cálculo simbólico.

Bem mais tarde, após a morte de Heaviside, um mutante autêntico, o grande matemático Norbert Wiener, que conhecemos sobretudo por ter inventado a cibernética — embora seja o menor de seus trabalhos — mostrou que a matemática de Heaviside tinha uma base racional, a qual o próprio Heaviside ignorava, e que era possível ligá-la aos trabalhos do grande matemático francês do século XIX, Fourier.

onde estão?

Esse trabalho construiu a reputação de Wiener no mundo inteiro. Porém não resolveu o problema colocado por Heaviside.

Como este pôde criar uma matemática sem seguir os métodos da matemática?

Nenhuma explicação foi jamais dada. E eu proponho a seguinte: *Heaviside conhecia a matemática do futuro*. Sem compreender estas demonstrações que utilizavam sem dúvida métodos que não tinham ainda sido inventados. Mas conhecendo-lhes os resultados.

Vão sem dúvida dizer que sou dono duma imaginação excessiva. Entretanto, os fatos talvez me dêem razão. À sua morte em 1925, Heaviside deixou três grandes malas cheias de documentos que nunca foram convenientemente inventariados. Talvez o exame deles nos ensinasse ciências procedentes do futuro, ou desse mundo estranho com o qual o recluso de Devonshire estava em contato.

Grandes matemáticos modernos, por exemplo René Thom, acham que os matemáticos nunca inventam coisa alguma: simplesmente descobrem o que já existe na natureza.

O cálculo simbólico de Heaviside já existia. Mas onde? Quando?

Tive chance de lidar com ele para resolver problemas de radar, em problemas do que chamamos transmissor Delta, isto é, a comunicação indetectável de um ponto a um outro.

Para quem está habituado ao método científico, o uso do cálculo simbólico de Heaviside

causa um estremeamento que é difícil tornar sensível.

Não podemos senão fornecer analogias. Suponhamos por exemplo que se estabeleça uma tabela periódica dos elementos químicos a partir de seu nome em francês e que essa tabela funcione.

Ou que descubramos um número primo entre 2 e 3.

Ou que se estabeleçam certas fórmulas matemáticas que seriam valiosas quando de certas conjunções de planetas.

É para suposições desse gênero que o espírito se volta observando-se o cálculo simbólico de Heaviside. É uma magia.

Uma magia para a qual o gênio de Norbert Wiener pôde encontrar uma explicação em alguns casos particulares.

Mas como operava o espírito de Heaviside? Ninguém o sabe, já que a ele foi recusado o direito da palavra, a ele foi negada a publicação do que enviava às revistas científicas. Chegou-se a chamar a atenção para algumas de suas descobertas, especialmente a da ionosfera, mas nunca houve um exame sério e exaustivo dos documentos que nos foram deixados.

Em algumas cartas ele escreveu: "Eu não sou daqui", ou "Venho do futuro."

Deve-se tomar essas frases ao pé da letra?

Parece-me que uma vez feito o exame dos trabalhos de Heaviside, dificilmente poderemos

negar que ele tinha acesso ao futuro, ao futuro da matemática e da ciência em geral.

Por qual prodígio? Nada sei a respeito.

De qualquer forma ele recebia de alguma parte enunciados de fatos sem explicações, de teoremas matemáticos sem demonstrações. Sabia que se tratava de verdades, mas não dispunha de nenhum meio para prová-lo.

Sua surdez, a má vontade dos meios científicos, a pobreza sobretudo de Heaviside contribuíram para o seu isolamento.

Lovecraft em "A Chave de Prata" definiu assim sua própria vida: "A pobreza, o pesar e o exílio". Pode-se também aplicar a fórmula a Heaviside.

Com uma obstinação admirável ele continuou até sua morte em 1925 a enunciar fatos matemáticos ou físicos que se revelaram todos verdadeiros. Assim, bem antes de Einstein e por outras razões ele previu o aumento da massa com a velocidade.

Mesmo sem demonstrações suas contribuições à matemática são preciosas. Às vezes é suficiente conhecer o enunciado dum teorema para deduzir sua demonstração. Em outros casos, uma solução parcial dum problema pode conduzir à solução geral.

A obra de Heaviside foi, em sua vida e após sua morte, uma mina prodigiosa. Por que estranho fenômeno não exploramos ainda seus trabalhos inéditos?

Tem-se o direito de perguntar qual a diferença existente entre um Heaviside e um alie-

nado. Mas a resposta é simples: se para alimentar uma cidade com eletricidade constrói-se um alternador e um sistema de distribuição segundo os cálculos de Heaviside, o que se faz desde o fim do século XIX, Heaviside não é louco. E no plano da física experimental tem razão.

Se constatamos que o cálculo simbólico fornece a solução de certos problemas matemáticos, que ele simplifica operações complicadas utilizadas tanto em matemática quanto em física, o criador do cálculo simbólico não era louco.

Como distinguir às vezes loucura e delírium dum lado e manifestações duma inteligência superior do outro? Se se encontram entre nós mutantes ou viajantes do futuro, se explicamos máquinas mais inteligentes que nós mesmos, como poderemos distinguir no que nos dizem esses mutantes, esses viajantes ou essas máquinas o que é delírium e o que se coloca na escala da qual fala Meyrinck, cujo primeiro grau já se chama gênio?

O problema é mais complexo do que parece. Uma estória tirada do filme de René Clair, "O Último Miliardário" pode talvez esclarecê-lo.

Um pequeno país da Europa está num estado de depressão econômica cruciante. O dinheiro já não vale mais nada, nos restaurantes paga-se a conta com um frango e como moeda dá-se ovos. Todos os peritos em economia estão arrancando os cabelos em vão. Ora, esse país é governado por um ditador.

Um dia um lustre se desprende e cai na cabeça do ditador. Sob o efeito do choque, este fica louco, a menos que não fosse o caso de genial ou sobre-humano. Não importa o que fosse, mal refletira sobre a crise econômica, disse:

"É muito simples. Uma lei que estabeleço imediatamente resolverá tudo; doravante e a partir deste momento todos os barbudos usarão calça curta."

Uma vez aplicada a lei, imediatamente todos os problemas econômicos desapareceram. A moeda voltou a ser forte, o progresso econômico restabeleceu-se, a inflação sumiu, os preços foram novamente controlados.

Diremos que o ditador é louco? Ou que o choque lhe deu um super-gênio fazendo descobrir novos sistemas de leis econômicas e sociais, cujo funcionamento não nos é compreensível?

A questão, a que René Clair não responde, é mais grave do que parece. Pois seu gênio em sociologia assim obtido teve a chance de ser ditador, senão como iria convencer os outros que o fato de fazer os barbudos usarem calças curtas resolveria os problemas econômicos insolúveis até então?

*Heaviside estava precisamente na posição do louco-gênio do filme, mas ele não era ditador.*

O que fez com que suas sugestões passassem por loucuras, que não valessem nem sequer a discussão.

E contudo Norbert Wiener demonstrou que no plano matemática Heaviside tinha razão. A distribuição da eletricidade nas grandes ci-

dades pela corrente alternada, o cabo telefônico transatlântico, a telefonia à distância, vinte outras aplicações práticas dos trabalhos de Heaviside mostram que ele estava certo.<sup>1</sup>

Não. Heaviside não era louco. Possuía informações provenientes do futuro, ou vinha ele mesmo do futuro.

Informações impossíveis de ser obtidas por simples extrapolação. Hertz disse do cálculo simbólico: "As fórmulas vivem duma vida própria. E podemos extrair delas mais do que se colocou nelas".

Entretanto, considero bem mística essa idéia segundo a qual Heaviside se comunicava com o espírito da matemática.

Ele recebia conhecimentos duma fonte que lhe era exterior e que eu situaria de boa vontade, por minha vez, no futuro.

A menos que um de seus vizinhos nessa charneca de Devonshire, onde já corria o cão de Baskerville, fosse precisamente um homem do futuro...

---

1. Não consigo resistir ao prazer, no que respeita a corrente alternada e a corrente contínua, de lhes contar a estória seguinte: Edison era partidário da corrente contínua, pois não conseguia compreender os cálculos necessários para a corrente alternada. Westinghouse era partidário da alternada; também não entendia os cálculos, mas confiava nos matemáticos, no caso Heaviside. Vendo que a alternada ia levar a melhor, Edison construiu uma cadeira elétrica abastecida com corrente alternada, fazendo presente dela à municipalidade de Nova Iorque. Desde que o primeiro criminoso foi executado, a Companhia Edison publicou a foto da máquina como publicidade nos jornais com esta legenda: "Querem que a morte entre em suas casas? Utilizem a corrente alternada: ela mata!"

### Nota sobre Norbert Wiener

O leitor para o qual o nome de Wiener não significa grande coisa talvez tenha ficado surpreendido por eu tê-lo qualificado de mutante. Sobretudo se pensar que foram os autores de ficção científica que inventaram os mutantes.

Seria necessário mais de uma curta nota para situar esse improvável personagem que inventou a cibernética e que nascido no século XX morreu recentemente.

Entretanto, forneço alguns pontos de referência:

— com oito anos, ele lia às escondidas no escritório de seu pai os trabalhos que psicólogos lhe consagram;

— com dezesseis anos, era doutor em ciências;

— com vinte anos redigiu sozinho uma enciclopédia de trinta e cinco alentados volumes sobre todos os assuntos;

Na verdade ele fora encarregado de a dirigir, mas os artigos de seus colaboradores não o satisfizeram!

Toda a sua vida ele conservará e aprimorará esse gênio prodigioso. Deixou uma biografia: "Ex-prodígio", um segundo volume: "Sou matemático", e romances, estórias de ficção científica e, bem entendido, trabalhos de matemática dum interesse prodigioso.

Para os especialistas são sobretudo seus trabalhos sobre a transformada de Fourier<sup>1</sup>

---

1. Método aproximativo no cálculo das funções.

que justificam o cálculo simbólico de Heaviside, que provam seu gênio.

Para o profano seu nome é principalmente associado a esta nova ciência, a cibernética.

Corajoso combatente da paz, recusou-se a pôr seu gênio a serviço do complexo militar-industrial dos Estados Unidos. Disse então:

“Tenho um filho de oito anos. Se ele apanhar na escola dos garotos maiores do que ele, eu lhe pagarei lições de boxe e lhe comprarei um par de luvas. Mas não lhe darei uma metralhadora pois ele não tem juízo bastante. Servi-los, eu o considero seria pior do que armar um garoto de oito anos com uma metralhadora pois vocês são menos inteligentes do que ele!”

Exilou-se enfim no México. Viveu também na França e ensinou no Colégio de França, onde tive a honra de manter relações com ele.

## FORA DO ABISMO DO TEMPO

“Seguramente ninguém tomará tais especulações para descobertas importantes, nem para o objetivo mais elevado da Ciência, como o faziam os antigos filósofos. Mas não é absolutamente certo que seja justo desprezá-las e condená-las totalmente ociosas. Quem sabe se não alargam o horizonte de nosso círculo de idéas e não façam assim avançar o conhecimento dos dados da experiência, aumentando a mobilidade de nossos pensamentos.”

BOLTZMANN, *Lições sobre a teoria dos gases*, 1902.

Por “domínio do tempo” entendemos o poder de viajar no passado, aí agir e se comunicar e depois retornar. Neste último capítulo vamos examinar essa possibilidade dum ponto de vista científico, sem apelar para a matemática a fim de não criar dificuldades demais para o leitor.

É certo que a viagem no tempo será realmente explicada apenas por uma ciência que deve ainda ser constituída e que combinará a física e a psicologia. Entretanto, os resultados que a ciência atual pode nos fornecer, particularmente no domínio da manipulação do tempo, não são negligenciáveis.

Há uma dezena de anos conseguimos conservar partículas não dentro de "reservatórios" espaciais, mas dentro de espécies de "gavetas do tempo" chamadas anéis de estocagem. As partículas giram aí com extrema velocidade e o tempo delas flui mais lentamente que o do observador. Assim conseguimos conservar partículas instáveis que seriam muito rapidamente desintegradas no tempo ordinário.

Existem esses anéis de estocagem no Centro de Pesquisa Nuclear de Genebra, nos Estados Unidos e na URSS. São instrumentos excessivamente caros, mas indispensáveis para certas pesquisas.

Com respeito ao domínio do tempo, a ciência já nos pode fornecer dois elementos importantes.

De um lado a viagem no tempo implica imensos deslocamentos no espaço. Se o tempo equivale ao espaço, isso significa que um segundo vale trezentos mil quilômetros, distância percorrida pela luz durante esse tempo.

Segue-se daí que uma viagem do ano 2000 até o século XIII corresponderia a um deslocamento interminável no espaço.

Por outro lado, para viajar no tempo seriam necessárias enormes quantidades de energia. Tais quantidades, aliás, nós as conseguimos calcular. Resulta daí que uma poltrona para viajar no tempo não poderá ser construída pelo modesto inventor no subsolo de sua casa de campo. Do mesmo modo que não poderá construir em sua mansarda uma astronave capaz de atingir a Lua. Aí estão os tocantes clichês, que é necessário deixar para as revistas em quadrinhos e para a ficção científica infantil. No mundo real não há nada além dos americanos que chegaram a fazer homens andarem na Lua. A URSS, apesar de seu enorme potencial tecnológico e técnico, não conseguiu chegar lá.

Do mesmo modo, em todas as extensões do futuro, somente algumas civilizações devem poder se permitir o enorme gasto energético duma viagem no passado. Daí jamais a emprenderem sem motivo preciso.

Deixemos portanto à imaginação dos turistas do tempo a "polícia do tempo", as viagens de curiosidade, etc. Como não há curiosos na Lua ou em Marte, não há também nenhum viajante do tempo cujo deslocamento não seja autorizado e organizado por vastas civilizações do futuro ou de outros planetas.

Os imensos gastos de energia necessários a tal viagem devem deixar traços no universo. Eu acho que os *quasars*, essas fontes luminosas do espaço que não são maiores que um sistema

solar mas superam em energia dez mil galáxias, são o ponto de partida dos viajantes do tempo.

Por outro lado — e é essencial — um campo de forças permanece fixo nos seus eixos de referência quando se desloca no espaço e no tempo.

Exemplifiquemos: considere-se um ímã permanente ou um condensador elétrico. Estes dispositivos torcem o espaço criando o que chamamos um campo de forças. Esse campo de forças é imaterial, não é ligado ao dispositivo que o fez nascer. Assim, quando fabricamos condensadores carregados, podemos comercializá-los como peças destacadas de TSF.

Pareceria lógico, em consequência, que no momento do deslocamento da Terra ao redor do sol a trinta quilômetros por segundo, como no momento de seus outros deslocamentos, o campo magnético de um ímã permanente e o campo elétrico dum condensador permaneçam atrasados na órbita da Terra.

Ora, isso não é nada.

Esses aparelhos perdem sua carga elétrica e magnética, mas muito lentamente e por outras razões. Do mesmo modo, os ímãs e os condensadores numa astronave não perdem sua energia durante o deslocamento da astronave. Isso nunca foi explicado. Isso contradiz a teoria da relatividade, mas não é por isso que deixa de acontecer com menos realidade.

Conclui-se disso que *não há razões para que sendo a Terra deslocada, um viajante do tempo se encontre no espaço vazio.*

Uma das grandes objeções à viagem no tempo me parece assim eliminada.

Vamos agora a mais famosa objeção, ao paradoxo temporal clássico exprimido pela ficção científica, pelos filósofos e certos cientistas: um viajante do tempo chega, mata seu próprio pai e desaparece.

É uma objeção do senso comum que se tentou resolver de diversos modos. Vou tentar refutá-la definitivamente através de uma idéia que me parece nova.

Falamos repetidas vezes no desenrolar deste livro do fenômeno de sincronicidade, que se produz não no eixo do tempo, mas perpendicularmente a esse eixo. Como um submarino que emerge produz ondas não só no sentido de seu movimento, mas também em outros sentidos, a sincronicidade estabelece relações entre fenômenos que não são relações de causa e efeito, relações dirigidas segundo o único eixo do tempo.

Tomemos um outro exemplo, que ainda nos dá Jung. Uma paciente o procura no desenrolar de um tratamento psicoterapêutico e começa por dizer que ela não crê na eficácia da análise e que está profundamente desencorajada.

Jung, não sabendo mesmo o que lhe dizer, convida-a a se estender sobre o divã e contar seus sonhos. No momento em que a paciente começa: “Esta noite, sonhei com um escarave-lho...” escuta-se uma fraca batida contra a

Foi o que aconteceu  
dele eu li o livro  
daquele inseto americano

vidraça. Jung abre a janela e um belo escaravelho todo dourado entra na sala.

A paciente sobre um tal choque que é curada!

É impossível estabelecer uma relação de causa e efeito entre a estória do sonho e o vôo do escaravelho; é impossível que a narrativa fizesse aparecer o inseto. Houve sincronicidade: dois fluxos de acontecimentos paralelos, a vida da paciente e o vôo do inseto foram atraídos por uma espécie de gravitação dos eventos, esta vez, e não das partículas, e se cruzaram.

Eis a idéia da qual falei antes e que batizarei sem falsa modéstia de Lei n.º 1 da Viagem no Tempo.

*Os efeitos duma viagem no passado se fazem sentir duma maneira síncrona e não causal.*

Assim, um viajante que penetra no passado não pode matar seu avô e nem intervir no desenvolvimento causal. Seria expulso no fluxo do tempo, perpendicularmente, nessas regiões das quais fala Boscovich e que não são nem do presente, nem do passado e nem do futuro. Não me perguntem o que aconteceria a ele, seria bem difícil responder!

Em contrapartida, sua irrupção no passado provocaria efeitos síncronos. Em outras regiões do tempo, ações análogas à sua teriam lugar com um ligeiro deslocamento em relação à sua.

Quer dizer que se o viajante anuncia na Palestina que nasceu de uma virgem e que fundou uma religião nova, fatos análogos, nascimento de uma virgem, fundação de religiões

e o passajento que ficou  
dias bicando a vida para  
psj.

novas terão lugar quase simultaneamente, por exemplo no Peru, ou na China e em outros lugares.

Isso me parece fundamental. Não apenas essa idéia elimina os paradoxos temporais, como também explica relações até agora misteriosas entre civilizações muito distantes e sem comunicação entre si e que simultaneamente desenvolvem o mesmo alfabeto — por exemplo, a ilha de Páscoa e Mohenjo-Daro — ou são o lugar de eventos bastante semelhantes: as Cruzadas na Europa Ocidental e a chegada de Kukulcan para os maias.

Uma ciência futura explicará tudo isso. Acho que podemos desde hoje dar disso a explicação matemática, mas este não é o lugar para fazê-lo. Digamos simplesmente que a viagem no tempo pode ser comparada não a uma bargagem que muda a estrutura dum rio e toda sua bacia, mas à passagem contra a corrente de um barco a motor nesse rio.

Resta um último problema: se o viajante do tempo não pode mudar o fluxo do tempo, mas somente influenciá-lo perpendicularmente, poderá ele introduzir no passado informações vindas do futuro? Parece que isso seja possível e que seja mesmo o objetivo de alguns desses viajantes dos quais falamos nos capítulos anteriores. Mas isso deve ser extremamente difícil.

Para os detalhes matemáticos desse problema podemos enviar o leitor à admirável obra de Costa de Beauregard "O Segundo Princí-

X  
pio da Ciência do Tempo" (*Éditions du Seuil*),  
advertindo que a leitura dessa obra exige co-  
nhecimentos de matemática dum nível muito  
elevado.

A viagem no tempo, a observação ou intro-  
dução no passado de fenômenos, de ensina-  
mentos e de conhecimentos, exigindo um tão  
forte dispêndio de energia, não pode acontecer  
a não ser por razões científicas ou morais  
imperiosas.

Nossa civilização renunciou a continuar a  
exploração da Lua que se revelou falaz e de  
pouco interesse, científico como intelectual.

As civilizações do futuro, do mesmo modo,  
após algumas viagens experimentais, deverão  
reservar suas viagens no tempo para ações  
importantes ou a observação direta de eventos  
históricos capitais.

Entretanto, como mostrou Heisenberg, o  
observador deve necessariamente modificar o  
fenômeno observado. É por isso que podemos  
deduzir de fatos verificáveis a existência de  
Viagens no Tempo e de Mestres Secretos do  
Tempo.

## ÍNDICE

---

1. SIGNOS E PRODÍGIOS .....	1
2. MELQUISEDEQUE, O VIAJANTE .....	17
3. FO-HI, O IMPERADOR IMORTAL ....	30
4. FUNDAÇÃO DA CIVILIZAÇÃO DO TEMPO .....	45
5. MOISÉS E A VIAGEM NO TEMPO ...	61
6. MICHAEL SCOT .....	72
7. LEONARDO DA VINCI .....	82
8. ROGER BOSCOVICH .....	96
9. OLIVER HEAVISIDE .....	112
10. FORA DO ABISMO DO TEMPO .....	127